MOVIMENTOS DA HESITAÇÃO

DESLIZAMENTOS DO DIZER EM SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

ROBERTA VIEIRA
LOURENÇO CHACON

ROBERTA VIEIRA
LOURENÇO CHACON

MOVIMENTOS DA HESITAÇÃO

DESLIZAMENTOS DO DIZER EM SUJEITOS COM DOENÇA DE PARKINSON

Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.culturaacademica.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

V718m

Vieira, Roberta
Movimentos da hesitação [recurso eletrônico]: deslizamentos do dizer em sujeitos com doença de Parkinson / Roberta Vieira, Lourenço Chacon. – 1.ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
Recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7983-664-0 (recurso eletrônico)

1. Doenças neuromusculares – Pacientes. 2. Parkinson, Doença de – Tratamento. 3. Fonoaudiologia. 4. Livros eletrônicos. I. Chacon, Lourenço. II. Título.

15-26792 CDD: 616.744
CDU: 616.858

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)

Editora afiliada:

Agradecimentos

Ao CNPq, pelo financiamento concedido para o desenvolvimento das pesquisas que originaram este livro.

A Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (*in memoriam*) e Leda Verdiani Tfouni, por toda a atenção e pelos direcionamentos que se mostraram fundamentais para a concretização deste trabalho.

NL *mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem a hora que eu entro aqui dentro já*
JN *+ já trança [a perna]*
NL *[por que será?] + cabeça né?*

Sumário

Apresentação

Neste livro, abordaremos um funcionamento hesitativo bastante frequente no discurso de sujeitos com doença de Parkinson: os deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente.

Nosso interesse mais particularizado pelo estudo desse funcionamento das hesitações ou, de modo mais amplo, pelo estudo das próprias hesitações, resultou, primeiramente, do fato de nos situarmos em um lugar que consideramos privilegiado para a observação de questões mais gerais de linguagem, e, de modo mais específico, de suas características em sujeitos parkinsonianos: o lugar da interseção entre os campos de conhecimento da Fonoaudiologia e da Linguística. Situados nesse lugar, nosso interesse acabou voltando-se para a observação empírica e teórica dessas questões.

Em nosso contato cotidiano com questões de linguagem (clínicas e teóricas), no qual defrontamos com a interseção desses dois campos, o teórico e o empírico, temos constatado que as hesitações são bastante frequentes nos enunciados falados de parkinsonianos. A literatura (biomédica), ao explicar teoricamente seu funcionamento

nesses enunciados, considera que são decorrentes sobretudo de aspectos orgânicos alterados pela doença.

Situados, no entanto, justamente na interseção entre a Fonoaudiologia e a Linguística, inquietou-nos esse entendimento da literatura biomédica e nos questionamos: Seriam de fato os aspectos orgânicos os únicos a explicar a singular ocorrência dessas hesitações no discurso de sujeitos parkinsonianos?

De antemão, antecipamos ao leitor que nossa resposta a essa questão é negativa. Especialmente porque as hesitações se caracterizam por serem, antes e acima de tudo, um fenômeno da linguagem. Mostram-se presentes quando a linguagem é adquirida, ocorrem durante o seu funcionamento, considerado normal, nos adultos, e, muitas vezes, potencializam-se em sua dissolução, como acontece no caso dos problemas decorrentes da doença de Parkinson. Explicar, portanto, seu funcionamento no discurso de sujeitos parkinsonianos supõe levar em consideração não apenas a ação dos aspectos orgânicos envolvidos na doença, mas também, e principalmente, os aspectos linguístico-discursivos.

E foi justamente essa a nossa proposta ao desenvolvermos o estudo que resultou neste livro. Ao buscarmos as características do funcionamento hesitativo deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente no discurso de um sujeito parkinsoniano – o qual identificaremos como NL –, apoiamo-nos essencialmente em trabalhos de base linguístico-discursiva, segundo os quais as hesitações seriam marcas, no discurso, de momentos mais turbulentos da negociação entre o sujeito que se mostra no discurso e os outros que o constituem (tanto o sujeito quanto o discurso) como tal.

Na medida em que objetivamos problematizar o entendimento da literatura biomédica sobre as questões de linguagem na doença de Parkinson, em nosso estudo, em

um primeiro momento, fizemos a descrição das características do funcionamento hesitativo que chamamos de deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente e, em um segundo momento, procuramos demonstrar em que medida tais características resultariam de fatos recuperáveis no processo discursivo.

Um fato a ser destacado a respeito dos trabalhos de natureza biomédica que tratam da doença de Parkinson – sobre os quais, privilegiadamente, se assenta a literatura fonoaudiológica voltada para a doença – é que são raros aqueles que mencionam explicitamente as frequentes hesitações no discurso dos parkinsonianos e, quando o fazem, entendem como hesitações principalmente o número de pausas ou o tempo de sua duração. Outras marcas linguísticas de hesitação são muito pouco exploradas por essa literatura e, até onde nossa pesquisa bibliográfica conseguiu alcançar, nenhum trabalho se atém especificamente ao estudo do funcionamento desse aspecto tão característico do discurso dos parkinsonianos.

Por sua vez, no que diz respeito à literatura de base linguística que se preocupa em estudar as hesitações, também até onde nosso levantamento bibliográfico conseguiu alcançar, poucos trabalhos dão atenção às hesitações em casos como os de doença de Parkinson.

Essas lacunas nos dois tipos de literatura acabam por dificultar tanto a compreensão sobre a abrangência e as características dos problemas de linguagem decorrentes da doença de Parkinson, quanto sobre sua avaliação e terapia fonoaudiológicas, especialmente porque uma necessária interdisciplinaridade entre a Linguística e a Fonoaudiologia (que, como se sabe, têm a linguagem como elemento fundamental em sua constituição como campos de conhecimento) se mostra ainda como uma construção inicial no contexto brasileiro.

Desse modo, por um lado, no interior da Fonoaudiologia, não são muitos os trabalhos que se assentam sobre contribuições que a Linguística pode oferecer, tanto no que se refere ao funcionamento considerado normal da linguagem, quanto àquele considerado patológico. Por outro lado, ao buscarmos na literatura linguística estudos que pudessem auxiliar no entendimento dos problemas de linguagem relacionados à doença de Parkinson, observamos muito pouca preocupação com esses problemas. No entanto, alertava Jakobson (1973), ao estudar fenômenos linguísticos relacionados à afasia, "os linguistas não podem abster-se de tomar um papel mais ativo na investigação dos transtornos da fala" (p.45).

Diante do ainda restrito diálogo entre esses dois campos do conhecimento no que diz respeito à doença de Parkinson, muitos dos problemas relacionados à linguagem são diagnosticados pela Fonoaudiologia como patologias e tratados especialmente a partir do ponto de vista neurológico. Mas não se pode atribuir apenas ao campo da Fonoaudiologia essa restrição, já que é ainda pequena a contribuição da Linguística, no Brasil, para modificar esse quadro.

Assim, mostra-se como uma possibilidade de contribuição do estudo apresentado neste livro constituir, juntamente com outros trabalhos com enfoque semelhante, um instrumental de pesquisa de base linguística para a produção de conhecimentos que propiciem avanços na compreensão das alterações de linguagem de sujeitos com lesões neurológicas, sobretudo com doença de Parkinson. Outras contribuições mais pontuais também podem ser mencionadas:

- Considerando que a Fonoaudiologia, tradicionalmente, privilegia o aspecto formal da língua e, em decorrência, não prioriza os aspectos linguístico-dis-

cursivos subjacentes às alterações de linguagem, pretendemos, ao estudar o funcionamento hesitativo, mostrar a importância de uma visão linguístico-discursiva dele para melhor compreensão dos problemas que, no interior desse campo do conhecimento, são caracterizados como distúrbios de linguagem ou que, em outra perspectiva, caracterizariam uma fala sintomática.

- Pretendemos, ainda, com o nosso estudo, possibilitar melhor compreensão acerca do funcionamento hesitativo no campo da Linguística, levando para esse campo reflexões feitas a partir da análise de dados extraídos de contextos patológicos da linguagem.

Este livro está organizado em quatro capítulos. No Capítulo 1, "A doença de Parkinson", o leitor encontrará um apanhado teórico de como têm sido estudadas as hesitações em sujeitos com essa doença, bem como uma síntese de nossa compreensão teórica sobre elas. Para tanto, nele apresentaremos estudos que consideramos representativos da literatura biomédica sobre essa doença, os quais ilustram, de modo privilegiado, como os aspectos relacionados à linguagem têm sido entendidos nessa literatura. Mais especificamente, será destacado um desses aspectos, as hesitações, e como elas têm sido entendidas em trabalhos sobre a linguagem nos sujeitos parkinsonianos construídos sob diferentes perspectivas teóricas. Apresentaremos nesse capítulo, ainda, de modo breve, os conceitos que fundamentarão a análise dos dados de nosso estudo.

No Capítulo 2¸ "Aspectos metodológicos", apresentaremos aspectos do banco de dados do qual selecionamos o material utilizado no estudo, bem como o recorte realizado, dentre o vasto material que compõe o banco, para a escolha do sujeito e da sessão de conversação analisada.

Ainda nesse capítulo, faremos uma breve caracterização das hesitações e dos critérios utilizados para a seleção dos enunciados analisados.

No Capítulo 3, "Resultados e discussão", apresentaremos os dados recolhidos, o funcionamento e as características das hesitações.

Por fim, nas "Considerações finais", retomaremos caminhos percorridos ao longo do trabalho, destacando as contribuições que esperamos ter oferecido, sobretudo aquelas que podem fornecer subsídios para a clínica de linguagem com sujeitos afetados pela doença de Parkinson.

1
A doença de Parkinson

A doença de Parkinson é estudada especialmente pela literatura biomédica. De acordo com essa literatura, ela resulta de uma alteração do sistema extrapiramidal que provoca a redução dos neurônios dopaminérgicos da substância negra (Machado, 2000; Samii, Nutt; Ranson, 2004). Essa alteração neurológica ocasiona, ainda segundo essa literatura, características motoras consideradas clássicas na doença: tremor; rigidez muscular; lentidão na execução dos movimentos (Samii, Nutt; Ranson, 2004; Dias; Limongi, 2003; Murdoch, 1997).

O tremor, frequente nos membros, é definido como "movimentos rítmicos, involuntários" (Cnoackaert et al., 2008, p.289). Essa característica motora pode ser mais bem percebida distalmente, como nos dedos das mãos, mas algumas vezes pode ser vista nas pálpebras, na língua, na face ou em outras partes do corpo.

A rigidez corresponde a um aumento da resistência muscular notado durante a execução de movimentos (Samii, Nutt; Ranson, 2004; Limongi, 2001). Conforme Limongi (2001), para cada grupo de músculos existem outros, os antagonistas. A rigidez característica da

doença de Parkinson ocorre porque a inibição dos músculos antagonistas, normalmente realizada para facilitar um movimento, não se dá de modo eficaz. Nos sujeitos parkinsonianos, "quando um membro é deslocado passivamente [...] podem-se sentir, superpostos à rigidez, curtos períodos de liberação rítmicos e intermitentes, fenômeno que recebe o nome de **sinal de roda denteada**" (id., ibid., p.17).

Além do tremor e da rigidez, também são observadas, nos sujeitos parkinsonianos, lentidão e redução na execução dos movimentos. De acordo com Murdoch (1997), "os movimentos da face apresentam marcada escassez de movimentos nas atividades volitivas e emocionais. Quando ocorrem respostas emocionais, tendem a se desenvolver lentamente e a se prolongar (por exemplo, sorriso fixo)" (p.207-8).

Pelo exposto, nota-se que os problemas de ordem motora são largamente descritos pela literatura biomédica. Os aspectos mencionados foram citados já na primeira descrição da doença, feita em 1817 por James Parkinson. O autor detectou, em sujeitos afetados pela doença, movimentos trêmulos involuntários e reduzida ação muscular, com propensão para curvar o corpo para a frente e marchar a passos rápidos. Verificou também dificuldades na deglutição, na articulação de palavras e voz fraca, o que, segundo ele, tornava a fala difícil de ser compreendida por aqueles que tinham constante contato com esses sujeitos. Essa observação de James Parkinson é de grande interesse para nosso trabalho, pois os problemas de linguagem decorrentes da doença, embora restritos à produção da fala, foram mencionados em sua primeira caracterização.

Seguiram-se vários outros trabalhos, no interior da literatura biomédica, que se ocuparam em observar aspectos que podemos considerar relacionados à linguagem nos sujeitos parkinsonianos.

Canter (1963), por exemplo, descreveu o que chamou de comportamento de fala de um grupo de pacientes parkinsonianos. Para tanto, baseado na leitura oral de um texto, realizou medições sobre intensidade, *pitch*[1] e duração (número e média da duração de pausas, frases e sílabas) na fala desses sujeitos.

Streifler e Hofman (1984) investigaram a influência da rigidez e do tremor em diferentes características da fala: a intensidade, o *pitch*, a velocidade e o timbre, além da inteligibilidade. Salientaram que a "monotonia" é característica presente nas alterações de fala relacionadas à doença e que alguns parkinsonianos tendem a apresentar desordens na velocidade da fala, além de hesitações, caracterizadas pelos autores como o aumento do tempo das pausas.

Nessa mesma perspectiva, Barbosa (1989) observou, na fala de sujeitos parkinsonianos, comprometimento da fonação e da articulação, marcado pela redução do volume da fala, pela perda da capacidade de inflexão da voz e por distúrbios de ritmo, quadro que configura, segundo o autor, um tipo de disartria[2] hipocinética.

Também Fenton, Shain'schley e Niimi (1982) observaram a presença do que consideraram desordens do trato vocal e disartria. Além das características já destacadas por Barbosa (1989), os autores incluíram, como desordens, a presença de rouquidão e a aspereza na voz dos parkinsonianos, que seriam decorrentes da movimentação assimétrica das pregas vocais, resultado da condição muscular patológica típica da doença de Parkinson.

---

1 Variações de frequência fundamental da fala, como percebidas auditivamente.

2 Trata-se de anormalidades na fala e na voz, em geral associadas à doença de Parkinson, que provocam redução da inteligibilidade da fala, o que afeta negativamente a comunicação interpessoal e a qualidade de vida (Ramig; Fox; Sapir, 2004).

Em trabalhos mais recentes, Ramig, Fox e Sapir (2004) apontaram como principais desordens de fala em parkinsonianos: intensidade reduzida, diminuição da inflexão vocal (também chamada pelos autores de fala monótona), voz rouca e imprecisão articulatória. Resultados semelhantes são encontrados em Gasparini, Diaféria e Behlau (2003), e ainda em Ferreira, Cielo e Trevisan (2009), que detectaram alterações vocais de grau moderado e, ainda, na frequência fundamental de parkinsonianos.

Notamos, nos trabalhos mencionados, que os aspectos da linguagem nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson são considerados problemas de fala. De acordo com a literatura biomédica, esses problemas remetem primordialmente a duas instâncias da produção da fala. Uma delas relaciona-se às dificuldades motoras de produção da voz, com destaque para aspectos da qualidade vocal (como a rouquidão) e para outros que a literatura linguística caracterizaria como de natureza prosódica, como a intensidade vocal. Já a segunda instância é aquela relacionada às dificuldades motoras de produção dos segmentos da fala (vogais e consoantes). Destaque-se que, dentre os trabalhos que se voltaram para essas dificuldades de articulação, alguns mencionam também características da linguagem que poderíamos considerar como hesitações. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Chamou-nos a atenção na literatura biomédica, no entanto, o trabalho de Spencer e Rogers (2005), que vai além, em alguma medida, desse enfoque nas dificuldades motoras da fala de parkinsonianos. Embora tomem como ponto de partida os movimentos envolvidos na produção de vogais e consoantes, os autores não se voltam apenas à execução motora de tais movimentos, mas também para o que chamam de programação motora dos movimentos. Esta programação corresponderia, segundo eles, ao "processo de transformação de representações

linguístico-simbólicas em um código motor" (p.347). Ao investigarem possíveis relações entre a programação de movimentos da fala e a programação de movimentos dos membros, os autores levantaram a hipótese de que processos cognitivos estariam envolvidos nelas, na medida em que antecederiam a execução dos movimentos. Além de chamarem a atenção para a possibilidade de alterações que envolveriam a manutenção de representações cognitivas e motoras em parkinsonianos, eles observaram nesses sujeitos, ainda, uma possível perda da habilidade de rapidamente transicionar entre movimentos e/ou arranjos cognitivos.

Esse trabalho se distancia, de certo modo, daqueles que privilegiam apenas os movimentos envolvidos na execução da fala, embora ainda se restrinja à análise de um aspecto bastante específico da linguagem: a articulação de vogais e consoantes na produção de palavras monossilábicas.

Essa abertura, que permitiu levar em conta outros aspectos da linguagem envolvidos na produção da fala, além daqueles de natureza motora, já pode ser observada em outros trabalhos desenvolvidos no campo biomédico. Hayashi et al. (1996), Hayashi, Hanyu e Tamaru (1998), Fiels et al. (1999), entre outros, consideram a linguagem uma habilidade cognitiva[3] que, juntamente com outras (como a memória, a coordenação visomotora, as habilidades visoespaciais, o raciocínio abstrato e a atenção), estaria comprometida nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson. Nessa mesma perspectiva, Barbosa et al. (1987) investigaram o que chamam de disfunções neu-

3 Não encontramos, nos trabalhos da área biomédica a que tivemos acesso, definição explícita sobre o que se poderia entender por "cognitivo". Observamos apenas que alguns trabalhos relacionam as questões cognitivas às chamadas funções superiores, que seriam, a nosso ver, de ordem neurofisiológica.

ropsicológicas presentes nos sujeitos parkinsonianos e identificaran alterações em funções caracterizadas como memória, abstração, gnosia visual, dentre outras. Para esses autores, a linguagem, assim como outras funções cognitivas, estaria prejudicada nesses sujeitos, contudo, se comparada com outras funções superiores, haveria "relativa preservação da linguagem" (p.115). Destaque-se que o que Barbosa et al. consideraram como linguagem refere-se apenas ao que denominam de "fluência verbal".

Mas não são apenas esses autores que fazem essa redução. Também em Flowers, Robertson e Sheridan (1995) a "fluência verbal" corresponderia à habilidade de espontaneamente gerar palavras de dada categoria em curto período de tempo – em geral, um minuto. Essa habilidade é medida por meio de testes que exploram capacidades associativas reveladas por meio de dois tipos de resgates de palavras: o fonêmico e o semântico (Henry; Crowford, 2004). No primeiro tipo de resgate, a capacidade associativa se verifica pela produção de palavras que iniciam com a mesma letra (como se vê, confundem-se, nesse tipo de teste, letras e fonemas) e, no segundo tipo de resgate, pela produção de palavras que remetem a determinada categoria conceitual (como comida, animais ou mobília).

Nota-se, pois, nesse tipo de proposta, que a avaliação do que se entende por fluência verbal sustenta-se em testes bastante padronizados, que consideram apenas a capacidade associativa de produzir palavras. Não bastasse essa restrição metodológica, a própria concepção de fluência que se pode inferir desse tipo de proposta a reduz a um dos eixos de organização da linguagem, o paradigmático, na medida em que apenas "habilidades associativas" são testadas.

Mas, nos trabalhos desenvolvidos no campo biomédico voltados para a chamada fluência verbal, outras características são consideradas. É o que se vê, por exemplo, em

Gurd (2000): ao comparar resultados de testes que avaliaram a chamada busca semântico-lexical de palavras (*word search*), concluiu que o déficit na fluência verbal estaria relacionado somente às questões cognitivas (ou seja, semântico-lexicais), excluindo o envolvimento dos aspectos motores na produção da fluência. Conclusão semelhante é encontrada também em Henry e Crowford (2004), para os quais a chamada fluência verbal estaria mais comprometida em parkinsonianos que apresentariam déficits cognitivos do que naqueles nos quais esses problemas não haviam sido detectados. Por sua vez, em uma comparação entre sujeitos com e sem doença de Parkinson, Dagdar, Khatoonabadi e Bakhtiyari (2013) observam déficits no desempenho dessa fluência predominantemente em sujeitos com a doença. Por fim, ao detectarem alterações apenas no que avaliaram como fluência verbal fonológica em parkinsonianos, Souza e Cardoso (2014) as correlacionaram ao tempo de escolaridade e à preservação cognitiva dos sujeitos analisados.

Por essa amostra, pode-se perceber que a maioria dos estudos desenvolvidos no campo biomédico considera os problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos como decorrentes de aspectos orgânicos afetados pela doença. Dentre esses aspectos, destacam-se os motores (como observamos nos estudos sobre as alterações vocais e articulatórias nos sujeitos parkinsonianos) e os cognitivos, em sentido neurofisiológico (como observamos nos estudos que aproximam a linguagem das chamadas funções cognitivas superiores).

Os aspectos da linguagem são entendidos, ainda, a partir de um ou outro subsistema da língua. Com efeito, são privilegiados: seu plano fonético-fonológico, visto especialmente a partir dos movimentos articulatórios envolvidos na produção da fala e do resgate de palavras, entendido como fonêmico; ou seu plano léxico-semân-

tico, no interior de um recorte bastante restrito do que se entende por resgate de palavras de caráter semântico. Como consequência dessa redução, outros aspectos constitutivos da linguagem, como os discursivos, sequer são considerados. Dito de outro modo, ao investigarem os aspectos da linguagem relacionados à doença de Parkinson, os estudos de natureza biomédica fazem recortes que privilegiam um ou outro aspecto da língua e tendem a considerar os problemas nos aspectos da linguagem investigados como resultantes de alterações orgânicas características da doença.

No entanto, como já observamos, no interior da literatura biomédica há trabalhos que mencionam aspectos que poderíamos considerar como "hesitações" e que, dada a sua importância para a nossa reflexão, trataremos em separado a seguir.

A doença de Parkinson e as hesitações

A presença de hesitações[4] na conversação de sujeitos com doença de Parkinson é aspecto que, a nosso ver, deveria merecer mais atenção da literatura, dada a sua larga ocorrência na fala desses sujeitos. Esse aspecto desperta nosso interesse, em particular, por termos tido acesso ao banco de dados de sujeitos parkinsonianos do Grupo de Pesquisa "Estudos sobre a Linguagem" (GPEL/CNPq), bem como pela nossa experiência clínica com sujeitos acometidos por essa doença. Nessa experiência, notamos que a presença das hesitações é fator que se destaca mesmo entre os familiares dos sujeitos, que fazem comentários do tipo: "Parece que ele está gaguejando."

---

4 Para um olhar mais aprofundado acerca das hesitações, ver Nascimento (2005).

Embora as hesitações sejam frequentes nesses sujeitos, em nossa pesquisa bibliográfica encontramos poucos estudos, desenvolvidos no campo biomédico, que tratam de questões que poderíamos entender como hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos. Vamos mencioná-los e descrever como as caracterizam.

Darley, Aronson e Brown (1969), em um estudo clássico sobre aspectos da linguagem em sujeitos com doença de Parkinson, observaram, na fala desses sujeitos, *monopich*,[5] *monoloudness*,[6] aspereza vocal, consoantes imprecisas e o que entendem por silêncios inapropriados. A descrição dos autores, mais especificamente no que diz respeito aos silêncios, remete às chamadas pausas silenciosas, marca hesitativa apontada, por exemplo, por Marcuschi (1999; 2006). O estudo dos autores mencionados aponta, portanto, para a ocorrência de uma marca hesitativa, as pausas silenciosas, na fala de sujeitos parkinsonianos, entendidas por eles como pausas inapropriadas.

Em outro trabalho, Logemann et al. (1970) chamam a atenção para os silêncios inapropriados – considerados como desordem prosódica – na fala de sujeitos com doença de Parkinson. Os autores mencionam ainda desordem na velocidade da fala, como curtos movimentos rápidos de fala e variações na sua velocidade.

O trabalho de Canter (1963), já mencionado, também faz alusão a aspectos que podemos entender como hesitativos. O autor estudou o que chamou de duração (velocidade de fala, número de pausas e média da duração de pausas, frases e sílabas) na fala de sujeitos com doença de Parkinson. Nesse estudo, concluiu que não há diferença considerável entre o que chamou de duração na fala de

---

5 Percepção da ausência ou da pouca variação da frequência fundamental da fala.

6 Percepção da ausência ou da pouca variação da intensidade da fala.

sujeitos com Parkinson e na fala de sujeitos sem a doença. No entanto, encontrou três sujeitos, dentre os parkinsonianos, que apresentavam características peculiares, a seu ver, especialmente com relação à velocidade de fala. Dois sujeitos apresentaram fala mais lentificada – o método utilizado pelo autor para observação da fala foi a leitura oral de um texto – e o terceiro apresentou velocidade de fala muito mais rápida do que os demais. Canter ressaltou que, embora não tenha constatado diferenças sistemáticas de velocidade na fala dos sujeitos parkinsonianos e dos sujeitos não parkinsonianos, haveria parkinsonianos que apresentariam marcantes desvios em relação a esse aspecto, o que poderia indicar uma importante característica do distúrbio da fala desses sujeitos (Canter, 1963).

Ainda com relação às pausas, Streifler e Hofman (1984) detectaram, na fala de sujeitos com doença de Parkinson, o que denominaram de aumento do tempo das pausas.

No interior dos estudos que abordam aspectos que poderíamos considerar como hesitações, encontramos também o trabalho de Spencer e Roger (2005). Estes autores investigaram o que chamaram de programação motora na disartria hipocinética – denominação dada às dificuldades de fala em sujeitos afetados pela doença de Parkinson. Para tanto, observaram o que chamaram de "tempo de reação" dos membros, na busca de uma relação entre aspectos da fala e a programação/execução de movimentos dos membros. Supuseram que os sujeitos parkinsonianos teriam reduzida habilidade para mudar rapidamente de um movimento (ou programa motor) para outro. Para os autores, esse prejuízo ocorreria devido à dificuldade reflexa de modificar ou inibir uma resposta presente. Segundo eles, "a transição deficiente para um novo movimento pode se tornar particularmente pronunciada quando uma mudança rápida de uma resposta preparada para uma

nova resposta é solicitada" (p.348). Esses mesmos sujeitos teriam dificuldade em manter programada a informação anterior à iniciação do movimento.

Os autores concluíram, então, que representações programadas diminuem antes e durante a iniciação do movimento. Tais hipóteses a respeito da programação do movimento seriam consistentes, segundo eles, com sintomas da disartria hipocinética. Portanto:

> Comportamentos de fala, tais como **pausas colocadas anormalmente**, dificuldade de progressão do enunciado e dificuldade em iniciar a articulação, são características de falantes com DP e poderiam resultar de uma dificuldade em manter a programação motora da fala. Adicionalmente, a habilidade reduzida para mudar a programação motora da fala seria consistente com comportamentos da fala tais como dificuldade em parar uma resposta presente, **hesitações marcadas entre segmentos de movimento** e, ocasionalmente, inabilidade em mudar de um movimento para o outro. Estes comportamentos são realmente evidentes na fala de indivíduos com doença de Parkinson. (Spencer; Rogers, 2005, p.348; destaques nossos)

Nota-se que os autores destacam as hesitações como aspecto presente na fala de sujeitos com doença de Parkinson e atribuem sua ocorrência a dificuldades relacionadas à programação do movimento. No entanto, assim como nos trabalhos mencionados anteriormente, eles destacaram somente as pausas ao tratar das hesitações na fala de parkinsonianos.

Outros trabalhos estudaram características das hesitações a partir do que consideraram disfluências na fala de parkinsonianos. Nos sujeitos que analisaram, Teixeira, Nascimento e Cardoso (2010), por exemplo, identifica-

ram como disfluências predominantes as omissões, seguidas de adições e de falsos inícios. Já Goberman, Blomgren e Metzger (2010), ao analisarem disfluências no início de palavras e entre palavras, identificaram como mais característica delas a chamada repetição de movimentos (repetições de sílabas e partes de sílabas) e as posturas articulatórias fixadas (com ou sem passagem de ar audível). Brabo, Minett e Ortiz (2014), por fim, destacaram como disfluências mais recorrentes as pausas, as (assim chamadas) interjeições, as repetições de palavras, de segmentos de palavras, de sentenças, de sílabas e de sons, as revisões e os bloqueios.

Com base nos trabalhos mencionados, podemos concluir que, além de serem raros os estudos que abordam as hesitações no interior da literatura biomédica, eles seguem a tendência dos demais produzidos por essa literatura, considerando-as como problemas de fala. Mesmo mencionando as hesitações, a maior parte desses estudos restringe-se a investigar apenas uma marca hesitativa: as pausas silenciosas. Aqueles que conseguem ampliar o escopo de análise, contemplando outros tipos de marcas, veem-nas previamente como disfluências, mantendo-se a tendência de considerarem-nas como problemas ou alterações.

Outro aspecto que chama a atenção nesses trabalhos são os recursos metodológicos que utilizam para analisar características da fluência em parkinsonianos. Com exceção de Goberman, Blomgren e Metzger (2010), que incluem, em sua amostra de análise, um trecho de fala não direcionado (embora ainda não se trate de uma situação, mesmo que simulada, de conversação), os demais trabalhos analisam amostras de leitura em voz alta, de repetições de frases ou de descrições de cenas, desconsiderando outras em que, a nosso ver, as hesitações privilegiadamente se mostrariam: aquelas extraídas de situações menos controladas e mais próximas dos reais usos da linguagem.

Numa outra perspectiva, no entanto, pesquisas como as de Chacon e Schulz (2000), Zaniboni (2002), Witt (2003), Oliveira (2003), Dias (2005) e Nascimento (2005), sustentadas em teorias linguístico-discursivas, investigaram aspectos da linguagem de parkinsonianos, com destaque para as hesitações. Veremos a seguir alguns resultados dos estudos desses autores.

Ao investigar a função das pausas na atividade verbal de dois sujeitos com doença de Parkinson, Chacon e Schulz (2000) observaram, dentre outros aspectos, a coexistência de "pausas de duração muito longa e pausas de duração bastante reduzida" (p.58). De acordo com os autores, essa variabilidade estaria relacionada ao que está contemplado no tópico conversacional e/ou à menor ou maior dificuldade do sujeito em desenvolvê-lo durante a atividade enunciativa. Nota-se, na interpretação dos autores, um olhar que vai além dos possíveis comprometimentos de ordem orgânica que afetariam os aspectos da linguagem: a interpretação da variabilidade de duração das pausas na conversação de sujeitos parkinsonianos sustenta-se em preceitos desenvolvidos no campo de estudos da organização textual-interativa.

De modo semelhante, Zaniboni (2002) investigou o funcionamento das pausas, em especial em início de turnos, em sessões de conversação de sujeitos com doença de Parkinson e de sujeitos sem lesão neurológica. A autora notou uma diferença na atividade discursiva desses dois grupos de sujeitos no que se refere ao número de ocorrências de pausas iniciais (que foi maior), bem como às características acústicas dessas pausas no primeiro grupo. Para Zaniboni, essa diferença pode ser entendida, longe de possíveis problemas de ordem motora, como um processo alternativo de enunciação ao qual os sujeitos com Parkinson recorreriam para manter a efetividade da atividade dialógica.

Na mesma perspectiva, Dias (2005) estudou não apenas as pausas, mas também outros tipos de hesitações presentes no início de enunciados na atividade discursiva de sujeitos com e sem lesão neurológica. Os dados encontrados pelo autor permitiram-lhe concluir que a "condição de sujeitos parkinsonianos os torna menos propensos a controlar, ao mesmo tempo, a deriva dos sentidos e a deriva dos movimentos do aparelho fonoarticulatório na atividade enunciativa" (p.55).

Dentre os trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva, destaca-se o de Nascimento (2005). A partir da hipótese de que as hesitações (incluindo as pausas) funcionariam como marcas de momentos de tensão entre elementos linguístico-discursivos, a autora analisou dados extraídos de sessões de conversação de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem patologia neurológica, atentando não somente aos inícios dos enunciados, mas também às hesitações no interior deles.

Na análise, a autora centrou-se na relação entre as marcas de hesitação e os trechos de fala relacionados com elas, procurando observar: o tipo de noção semântica envolvido nessa relação; se ocorria uma contenção ou uma abertura para a deriva no dizer; se as tensões envolvidas predominavam no eixo sintagmático ou no paradigmático da linguagem; se as ações sujeito/língua ocorriam antecipadamente ou em reparação à materialização de pontos de deriva. Com esse olhar, Nascimento caracterizou cinco tipos de funcionamento hesitativo: especificações, avaliações, mudanças de orientação de sentido, retomadas e tropeços.

As especificações seriam, segundo a autora, momentos nos quais o trecho que sucede o fenômeno hesitativo (trecho B) complementaria o trecho que antecede a hesitação (trecho A), encontrando-se os dois trechos, portanto, numa mesma orientação de sentido. Nessa relação, o fe-

nômeno hesitativo (H) evidenciaria "uma ação recíproca sujeito–língua no sentido da precisão de expressões semânticas", marcando momentos de contenção da deriva em ambos os eixos: no sintagmático, no qual a atitude do falante seria a de tentar controlar antecipadamente o aparecimento de elementos coocorrentes, tendo em vista uma organização sintagmática pretendida; e no paradigmático, no qual a hesitação seria o aspecto que evidenciaria a coocorrência de elementos e se anteciparia à ocorrência de um único elemento selecionado de um paradigma.

As avaliações seriam momentos nos quais os fenômenos hesitativos evidenciariam uma suspensão do dizer em que, numa atitude reflexiva, o sujeito estaria, em B, projetando-se no sentido de dar maior precisão a A. Ao contrário das especificações, nesse subtipo de fenômeno hesitativo haveria maior evidência da ação do sujeito sobre a língua, na medida em que este se voltaria para o seu próprio enunciado. Nas avaliações, H marcaria pontos de reflexão, e não de materialização da deriva.

No terceiro tipo caracterizado pela autora, a relação A–H–B seria tal que B se constituiria, em relação a A, numa mudança de orientação de sentido na qual a ação sujeito–língua se daria, em H, numa atitude antecipatória, ocorrendo mudança de assunto, ou numa atitude reparadora, em que haveria materialização de escolhas paradigmáticas recusadas em favor de outras. Na mudança de orientação, H marcaria um ponto em que o dizer se ancora e, ao mesmo tempo, introduz a deriva.

Nas retomadas, de acordo com a autora, B remeteria a um dizer A enunciado anteriormente ao dizer que antecede imediatamente H. Seria um momento no qual, pela ação sujeito–linguagem, ocorreria o resgate da orientação do dizer e a retomada do mesmo eixo paradigmático, possibilitando, portanto, a contenção da deriva.

O último tipo caracterizado por Nascimento, e que nos interessou mais diretamente, diz respeito ao que nomeia como tropeços. Esse funcionamento, assim como as retomadas, também ocorreria, de acordo com a autora, de modo reparador, mas seria marcado, no eixo da contiguidade (sintagmático), por elementos fonético-fonológicos. Além dessa diferença, nos tropeços, B e A apresentariam uma relação aparentemente "fraca" com H.

O trabalho dessa autora, a nosso ver, traz importante contribuição, ao analisar diversas marcas hesitativas (não apenas as pausas) no início e no interior de enunciados. É relevante também por não se restringir a marcas, mas analisar o funcionamento do fenômeno hesitativo no discurso. Entretanto, pela amplitude do seu objeto de estudo, a autora conseguiu realizar apenas uma primeira caracterização do funcionamento hesitativo de sujeitos parkinsonianos e não parkinsonianos. Seria necessário, portanto, verificar a eficácia de cada uma das cinco categorias por ela apresentadas.

No nosso trabalho, demos maior atenção ao que Nascimento considera como tropeços e que caracterizamos, pelas razões que apresentaremos adiante, como deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente.

Esse maior interesse decorreu, por um lado, de um interessante aspecto abordado por Nascimento. De acordo com a autora, apenas esse funcionamento hesitativo apresentou como foco de tensão a predominância da língua no plano fonético-fonológico. Nos demais funcionamentos, foi possível recuperar uma relação semântica fortemente marcada entre as hesitações e os trechos que as circundavam, de modo diferente dos chamados tropeços, funcionamento no qual a autora teve dificuldades para recuperar negociações de ordem semântica.

Por outro lado, o interesse pela investigação desse funcionamento se deveu ao fato de termos observado uma tendência predominante na literatura biomédica no que diz respeito ao estudo dos aspectos linguísticos em sujeitos com doença de Parkinson: as características observadas nos chamados tropeços, nessa literatura, são entendidas como resultantes de problemas motores. Portanto, nosso interesse pelo estudo mais aprofundado desse subfuncionamento hesitativo orientou-se pela busca de outras características da linguagem nele envolvidas, além das fonético-fonológicas, já apontadas por Nascimento, sobretudo as de natureza discursiva. Para aprofundarmos a investigação do funcionamento hesitativo foco do trabalho que originou este livro, tomamos como fundamentação teórica as contribuições dos estudos linguístico-discursivos.

Contribuições dos estudos discursivos

Em "Análise automática do discurso", estudo publicado pela primeira vez em 1969, Michael Pêcheux propõe "definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos e sua generalidade". Para tanto, o autor (1990) se apoia na ideia de que

> [...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas [este] funcionamento não é integralmente linguístico, [...] e [...] não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos "condições de produção" do discurso. (p.78)

Destacaremos algumas considerações que ele faz sobre as condições de produção do discurso, conceito funda-

mental para melhor explorar aspectos observados em nossos dados, como veremos adiante.

De acordo com Pêcheux (1990), todo discurso – tomado aqui como o fio do discurso, como a própria materialidade discursiva – é produzido a partir de certo lugar, "no interior de uma formação social dada" (p.77). Esse lugar é caracterizado pelas condições de produção do discurso, que envolvem: relações entre o discurso e elementos que o sustentam e que se opõem a ele; relações entre o discurso e outros discursos, anteriores, que são evocados e sustentam o discurso atual.

Podemos pensar, portanto, que, durante a produção de um discurso, entendido como materialidade linguística, existe uma série de relações que permitem que ele se sustente ou determinam a sua organização linguística. Ao pensar na produção do discurso, Pêcheux rompe com a ideia, bastante comum no campo da Linguística na sua época, de transmissão de informação. De acordo com o autor, o que ocorre entre interlocutores são efeitos de sentido.

Voltando à ideia do autor de que todo discurso é produzido de determinado lugar, os próprios sujeitos participantes da produção discursiva seriam "lugares ocupados na estrutura de uma formação social" (Pêcheux, 1990, p.82). Ele denomina de A e B as posições ocupadas numa formação discursiva pelos protagonistas do discurso. Portanto, "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (p.82).

O autor vai além, ao apontar que o referente também faz parte das condições de produção. Considera então a imagem que A e B têm do referente, que se trata também de um objeto imaginário, não pertencente, assim como os

protagonistas do discurso, à realidade física da produção discursiva.

Apoiamo-nos, no nosso trabalho, nas considerações de Pêcheux sobre as condições de produção do discurso, sintetizadas por Brandão (2002), as quais abrangem o contexto histórico-social, os interlocutores (os quais, de acordo com Pêcheux, seriam posições imaginárias assumidas na formação discursiva), o lugar de onde tais interlocutores falam, bem como a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Todos esses elementos, aponta Brandão, constituem a instância verbal de produção do discurso.

Ainda acerca das condições de produção do discurso, a contribuição de Pêcheux, para Brandão (2002), estaria no fato de não considerar a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação de "lugares determinados na estrutura de uma formação social". Tal concepção fundamenta a noção de sujeito que adotamos no nosso trabalho. Portanto, nos distanciamos de concepções empíricas de sujeito, bem como de teorias que o reduzem a seus processos conscientes, como fonte do (seu) dizer.

Outro aspecto que foi de grande interesse para o nosso estudo, relacionado com a concepção de sujeito, é a noção de esquecimento.

Em estudo publicado em 1975, Pêcheux e Fuchs aprofundam a teorização sobre o discurso, lançando mão de conceitos como os de formação ideológica, formação discursiva e assujeitamento. Não nos aprofundaremos, aqui, em tais conceitos. Apresentaremos apenas um breve recorte acerca do que esses autores chamam de esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2, para melhor compreensão da noção de sujeito.

De acordo com Pêcheux e Fuchs (1990), "elementos ideológicos não discursivos (representações, imagens li-

gadas a práticas etc.)" atravessam as formações discursivas. No entanto, ao produzir uma sequência discursiva, o sujeito não recupera essa pluralidade presente no interior da formação discursiva que possibilita tal sequência. Nas palavras dos autores, a discursividade presente entre as formações discursiva/ideológica "se esvanece aos olhos do sujeito falante" (p.168).

Trata-se nesse caso do chamado esquecimento nº 1. O sujeito se esquece daquilo que o descentraliza e atravessa. Perde, ao enunciar, a dimensão da pluralidade de elementos intrínsecos ao discurso. Tem a "ilusão de estar na fonte do sentido" (p.169). No entanto, lembram os autores, embora a produção de uma sequência discursiva esteja calcada fundamentalmente em uma ilusão, esta é necessária para que essa produção possa ocorrer.

Além desse esquecimento, que permite ao sujeito ter a ilusão de ser fonte do dizer, para os autores ele esquece também "o processo pelo qual uma sequência discursiva concreta é produzida [...] como sendo um sentido para o sujeito" (p.169). Trata-se, nesse caso, do chamado esquecimento nº 2, que remete à ilusão da transparência do dizer.

Com relação a esse último esquecimento e à multiplicidade de sentidos que atravessa uma sequência discursiva, em cada uma delas "a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase". Há, então, segundo os autores, elementos relacionados que, embora não apresentem o mesmo sentido, estabelecem relações de sentido, pertencendo às mesmas "famílias parafrásticas". No entanto, em razão do esquecimento nº 2, o sujeito se esquece dessas relações que compõem uma sequência discursiva.

Aqui, cabe relembrar a concepção de sujeito adotada por Pêcheux e Fuchs (1990): um sujeito constituído por múltiplos outros sujeitos, atravessado por formações ideológicas e que, ao produzir uma sequência discursiva,

necessariamente por meio dos esquecimentos nº 1 e nº 2, assume a ilusão de sujeito como origem do seu próprio dizer e da transparência de sentido do dizer.

Como já dissemos, apoiamo-nos na concepção de Pêcheux sobre sujeito, considerando-o como uma posição imaginária, ocupada no interior de uma formação discursiva. Trata-se, ainda, de um enunciador descentrado que, ao enunciar, esquece a multiplicidade que o constitui e imagina ocupar o lugar de centro do dizer, lugar também imaginário, conforme o autor. Na medida em que a multiplicidade e a dispersão são características de uma formação discursiva, ao produzir a materialidade do dizer o sujeito está em constante negociação com os outros que o atravessam, no interior da formação discursiva que sustenta esse dizer.

Além das contribuições de Pêcheux, foram essenciais, para a nossa análise, as considerações de Authier-Revuz acerca de sujeito, discurso e heterogeneidades enunciativas. Também distanciando-se da noção de sujeito como fonte do dizer, essa autora destaca sua constituição no interior do discurso. Ao considerar o discurso como heterogêneo, produto de interdiscursos, o próprio sujeito, constituído nessa heterogeneidade, também é visto por ela como heterogêneo.

Para sustentar essa concepção, Authier-Revuz (1990) se baseia no dialogismo bakhtiniano, na medida em que "as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros" (p.26), uma vez que todo enunciado seria atravessado por outros discursos. Segundo a autora, o dialogismo bakhtiniano permite entender que, na produção de sentido do discurso, haveria um "centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso" (p.27).

Para sustentar a hipótese de que o sujeito, pensado no interior do discurso, também é heterogêneo, ela se apoia

ainda em Pêcheux, pois este entende o discurso como produto de interdiscursos. Com base nessa concepção, durante a produção do discurso – também visto aqui como o fio do discurso –, o interdiscurso seria ignorado pelo sujeito, que, "na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e efeito" (Authier-Revuz, 1990, p.27). De acordo com a autora, portanto, o sujeito que enuncia não recupera todo o interdiscurso que o atravessa e o constitui como tal. Não recupera, portanto, a heterogeneidade que o constitui.

Além da heterogeneidade advinda da própria constituição do sujeito no interior do interdiscurso, ou seja, a partir das construções históricas que o constituem, a autora justifica a sua heterogeneidade também apoiada em preceitos da psicanálise – mais especificamente, da psicanálise freudiana e lacaniana. De acordo com esses preceitos, o sujeito é heterogêneo porque é descentrado, cindido, atravessado pelo inconsciente. Não entraremos nesse mérito, o do sujeito do inconsciente, mas abordaremos o apontamento da autora acerca do que denomina "ilusão necessária" de sujeito. Trata-se, de acordo com Freud, do fato de que "não há centro para o sujeito fora da ilusão e do fantasmagórico, mas que é função desta instância do sujeito que é o eu ser portadora desta ilusão necessária" (Authier-Revuz, 1990, p.28).

Apoiando-se em Freud, bem como em Pêcheux (e, em alguma medida, em Bakhtin), a autora considera o sujeito heterogêneo, seja do ponto de vista psíquico, seja, em nosso entender, do ponto de vista sócio-histórico, e denomina essa sua heterogeneidade radical de "heterogeneidade constitutiva".

> Em ruptura com o EU, fundamento da subjetividade clássica concebida com o interior diante da exterioridade do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado,

> desalojado, "em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito". Nesta afirmação de que, **constitutivamente**, no sujeito e no seu discurso está o **outro**, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente [...]. (Authier-Revuz, 1990, p.29)

Haveria, no entanto, uma ilusão de "eu" que sustentaria a imagem do sujeito autônomo, a qual é vista pela autora, com base em Pêcheux e Fuchs (1990), como uma "ilusão necessária constitutiva do sujeito", que permitirá a recuperação, na materialidade discursiva, de negociações com os outros constitutivos da produção do seu discurso. Foram essas negociações que nos mobilizaram no percurso restante do nosso trabalho.

Para Authier-Revuz (1990), as negociações do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do (seu) discurso podem se mostrar na materialidade linguística. Trata-se da "heterogeneidade mostrada", aquela que inscreve, linguisticamente, o outro na cadeia do discurso, a qual ocorreria "como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do discurso" (p.26).

Esses diferentes modos de negociação, na heterogeneidade mostrada, podem se dar como formas marcadas e não marcadas. As formas marcadas seriam calcadas no princípio de denegação. Nelas ocorreria uma tentativa do sujeito de proteger-se dos outros que o atravessam/constituem. Já nas formas não marcadas, haveria certa diluição entre o sujeito e os outros. A heterogeneidade se mostraria, nesses casos, de modo mais sutil, ocorrendo incerteza em relação aos outros, e não uma tentativa de denegação/proteção, como acontece nas formas marcadas.

Em nosso trabalho, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada assumiram estatuto especial, uma vez

que Authier-Revuz inclui entre elas as hesitações. Mas, para melhor entendermos de que maneira as hesitações indiciariam momentos de negociação entre a entidade que se marca como "eu" no fio do discurso e os outros que a constituem, apoiamo-nos na formulação de Tfouni sobre o conceito de deriva.

Para Tfouni (2008), na própria obra de Saussure e de Jakobson, é possível recuperar indícios que, interpretados à luz de contribuições da análise do discurso e da psicanálise, permitem problematizar uma concepção de mensagem supostamente organizada, bem como seu caráter linear de comunicação, de um pensamento organizado nos moldes cartesianos. Para essa problematização, a autora se apoia em uma concepção de linguagem, discurso e sujeito que rompe com a ideia de linearidade e transparência. Nessa problematização também ocorre um distanciamento da ideia de sujeito como origem do seu dizer. Isso porque haveria na linguagem processos que escancaram, que rompem a aparente unidade do sujeito e apontam para a sua constituição heterogênea. Exemplos desse escancaramento ou quebra de unidade aparente seriam, dentre outros, aqueles nos quais, na produção discursiva, "falta uma palavra", sendo rompido o fluxo da enunciação. Nessas situações, em que se abre espaço ao inesperado, a deriva (sempre latente na produção discursiva) se mostra.

> [...] a deriva é constituída pela palavra que falta, tão importante quanto a que é enunciada, atestando a presença da alteridade. Essa outra voz que de repente se faz ouvir ao lado das palavras do sujeito: eis a deriva instalada. Nesse processo ocorrem esquecimentos, lapsos, [e no que mais diretamente nos interessa] hesitações, falsos começos. (Tfouni, 2008, p.76)

Assim contextualizada por Authier-Revuz e Tfouni, desvelou-se para nós, mais claramente, a possibilidade

de uma visão enunciativo-discursiva das hesitações, visão adotada na análise de nossos dados.

A partir de tal concepção de sujeito, concebemos a materialidade linguística como um lugar no qual se mostram as constantes negociações do sujeito com este/estes outro/outros, bem como onde a deriva pode, a qualquer momento, se instalar. As hesitações seriam, então, momentos em que a heterogeneidade que constitui o sujeito escapa dele e é escancarada.

Assumimos no nosso trabalho uma concepção de sujeito como descentrado e heterogêneo, dada a sua constituição num processo discursivo fundamentalmente múltiplo e disperso e o seu atravessamento por processos inconscientes.

A materialidade discursiva (ou o "fio do discurso", ou, ainda, o "fluxo discursivo") assumiu para nós o estatuto do lugar em que podem ser marcadas, linguisticamente, as negociações sujeito–outros. Uma das maneiras pela qual essa negociação é mostrada – e que constituiu aspecto central do nosso trabalho – são as hesitações, ou seja, os momentos marcados dessa negociação.

As hesitações, nesse caso, seriam momentos em que a heterogeneidade que constitui o sujeito escapa ao seu controle e é escancarada, momentos nos quais, portanto, a deriva se mostra, podendo ou não, como veremos em nossa análise, ser controlada.

2
Aspectos metodológicos

O banco de dados

Os dados analisados no trabalho que originou este livro fazem parte de um material reunido no projeto "Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos: formação de um banco de dados". O objetivo foi obter registros de sessões de conversação entre um documentador e sujeitos com doença de Parkinson e sujeitos sem diagnóstico de lesão neurológica. Além das sessões de conversação, o material também reuniu amostras de escrita dos mesmos sujeitos, versando sobre diferentes temas. O objetivo maior do projeto foi formar um banco de dados para estudo dos aspectos enunciativo-discursivos da linguagem, tanto em condições consideradas normais quanto em condições diagnosticadas como patológicas.

O projeto do banco foi elaborado por integrantes do Grupo de Pesquisa "Estudos sobre a Linguagem" (GPEL/CNPq), que busca uma intersecção entre conhecimentos oriundos das áreas médica, fonoaudiológica e linguística em suas investigações, daí a preocupação em coletar dados de sujeitos com e sem lesão neurológica.

Foram coletadas amostras de conversação e de escrita de quatro sujeitos com diagnóstico neurológico de doença de Parkinson, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 40 e 74 anos, com diferentes graus de escolaridade e profissões.

Também foram coletadas amostras de conversação e de escrita de três sujeitos sem comprometimento neurológico, dois do sexo feminino e um do sexo masculino, também com idades entre 40 e 74 anos. Tais sujeitos foram escolhidos por terem idade, grau de escolaridade, profissão e procedência geográfica que se assemelhavam aos dos sujeitos parkinsonianos.

Aconteceram oito sessões de conversação e escrita com cada um dos sujeitos com doença de Parkinson (DP), com intervalos de aproximadamente quatro meses entre elas, e quatro sessões de conversação e escrita, com intervalos de cerca de oito meses entre elas, com os sujeitos sem lesão neurológica.

Com relação às amostras de conversação, todas foram norteadas por temas relacionados à vida cotidiana dos sujeitos. As sessões tiveram duração aproximada de 40 minutos, e tanto as de escrita quanto as de conversação foram realizadas pelo mesmo documentador. As propostas de escrita envolveram a produção de bilhete, carta, propaganda, receita culinária, reportagem de jornal e relato da vida diária dos sujeitos.

Todas as sessões de conversação foram registradas em gravação digital de áudio e de vídeo. Para as gravações em áudio, foi utilizado um gravador Sony, tipo DAT (*digital audio tape*), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone Sony, modelo ECM-MS957, colocado a uma distância de cerca de 30 centímetros dos sujeitos. Optou-se pelo uso de equipamentos digitais para garantir melhor qualidade acústica para as gravações. O uso de um microfone multidirecional visou maior fidedignidade dos sons cap-

tados para a gravação, sobretudo porque alguns sujeitos, principalmente os parkinsonianos, apresentam reduzida intensidade vocal.

As gravações em vídeo foram realizadas com uma câmera digital Sony, modelo DCR – DVD 203. Além do registro acústico, as filmagens possibilitaram a observação de aspectos que a gravação não permite verificar, como os momentos de silêncio, nos quais ocorria a movimentação dos articuladores.

As sessões de conversação coletadas para o projeto foram transcritas com base nos trabalhos de Preti e Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000). As normas de transcrição utilizadas foram aquelas propostas para a transcrição das entrevistas coletadas pelo Projeto Nurc (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), complementadas pela proposta de Marcuschi (1998) para o estudo das hesitações. Essa escolha foi de grande relevância para o trabalho. Como ressalta esse autor, a transcrição já é, por si, uma primeira análise dos dados.

Embora as normas escolhidas para transcrição não tenham sido propostas com o mesmo objetivo do Projeto Nurc, possibilitaram a descrição de elementos conversacionais, bem como a identificação de aspectos da hesitação.

As transcrições, com base nas propostas metodológicas mencionadas, foram organizadas em turnos conversacionais – aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio (Marcuschi, 1998; Hilgert, 2001). Momentos de sobreposição de falas, bem como intervenções de interlocução, caracterizadas por comentários do tipo "ah tá", "nossa", "ãhã", não foram consideradas como mudança de turno. Para Marcuschi (1998), as sobreposições são uma "produção durante o turno do falante corrente, de modo que elas não caracterizam mudança de turno" (p.18).

O recorte

Os dados que utilizamos compõem um material do projeto "Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos: formação de um banco de dados", conforme já explicitado.

O material foi escolhido por um motivo especial. O campo da Fonoaudiologia apresenta particular interesse para o estudo de sujeitos afetados por lesões encefálicas, em especial no que se refere aos aspectos da linguagem comprometidos por tais lesões. Entretanto, tradicionalmente, os estudos sobre a linguagem, nesses sujeitos, inclusive aqueles que envolvem a doença de Parkinson, extraem os dados linguísticos da aplicação de testes, os quais, como salientam Lima et al. (1997), "se apegam a simples fatos gramaticais, como sílabas, frases e palavras soltas".

Foi possível observar esse tipo de metodologia em trabalhos produzidos no campo biomédico – no qual a maior parte dos estudos da Fonoaudiologia se sustenta – acerca das questões de linguagem nos sujeitos com doença de Parkinson.

Spencer e Rogers (2005), por exemplo, observaram os movimentos envolvidos na produção dos sons da fala a partir da repetição de palavras monossilábicas. Já Canter (1963) voltou-se para o que chamou de comportamento de fala de um grupo de parkinsonianos a partir da leitura oral de um texto, embora tenha salientado a importância da análise de conversas espontâneas.

Ao discutir esse tipo de metodologia em estudos sobre sujeitos afásicos, Coudry (1996) observou que a tendência dominante é a obtenção de dados a partir da aplicação de testes de linguagem que se concentram na repetição isolada de palavras ou de listas de palavras, ou, ainda, na leitura oral de frases ou pequenos textos, para investigar

a produção da fala. Esses testes ressaltam as dificuldades de linguagem desses sujeitos e excluem as atividades que permanecem após a lesão.

Entretanto, considerando a afirmação de Marcuschi (1999) sobre as hesitações, foco do nosso estudo, caracterizadas como marcas linguísticas que colaboram para a organização conversacional e/ou evidenciam o processo de organização conversacional, elas dificilmente poderiam ser analisadas utilizando-se métodos tradicionais de pesquisa.

Não poderíamos, portanto, basear nosso trabalho em métodos de pesquisa recorrentes na Fonoaudiologia. O projeto do qual selecionamos os dados para a realização do nosso estudo se distancia dos métodos calcados nos testes, exatamente porque, durante a coleta dos dados, procurou aproximar-se o máximo possível das atividades conversacionais cotidianas.

Apresentamos a seguir o recorte realizado e os motivos que nos levaram a utilizar apenas parte dos dados que compõem o banco.

Para a realização da nossa pesquisa, selecionamos apenas uma sessão de conversação de um sujeito com doença de Parkinson, que chamamos de NL, devido sobretudo ao grande número de informações relevantes para a nossa análise que uma única sessão de conversação pode conter. Com essa opção, ficou descartada, portanto, a realização de uma análise de caráter quantitativo a respeito de problemas de linguagem que afetam os sujeitos com esse tipo de lesão neurológica. Priorizamos a observação de aspectos bastante específicos do fenômeno hesitativo em um sujeito parkinsoniano.

Como nosso interesse foi observar como aspectos da linguagem – mais especificamente, o fenômeno hesitativo – funcionam, em relação às possíveis limitações ou alte-

rações impostas pela doença de Parkinson, optamos por uma sessão realizada em momento mais avançado da coleta de dados, tendo em vista uma possível progressão da doença no sujeito participante da pesquisa. Selecionamos então a sétima sessão de conversação de NL.

O sujeito da pesquisa

NL, do sexo masculino, cursou o ensino médio (sem concuí-lo) e é mestre de obras aposentado. Na data da gravação da sessão de conversação utilizada, ele tinha 59 anos. Foi diagnosticado com doença de Parkinson cerca de sete anos antes da data da sessão de conversação.

A amostra de conversação

Com a amostra de conversação em mãos, nossa primeira preocupação foi rever cuidadosamente sua transcrição, atentando sobretudo para os momentos de marcas hesitativas, aspecto de maior interesse para o nosso trabalho. Para fazermos essas revisões, além da transcrição original, baseamo-nos nos registros em vídeo e áudio.

Durante a revisão, de modo semelhante ao que foi feito na primeira transcrição da sessão, apoiamo-nos em normas propostas por Preti e Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000). Apesar de a transcrição, seguindo o olhar de tais autores, ter sido organizada em turnos conversacionais, nosso recorte das hesitações não foi feito com base nesses turnos, e sim na própria incidência das hesitações.

> Isso se deve [...] ao modo como compreenderemos a linguagem durante a análise dos dados: um fenômeno heterogêneo em que um de seus aspectos, e não o único, é a troca de sujeitos falantes. Além disso, seria incoerente

> priorizarmos somente um dos aspectos que envolvem o fenômeno heterogêneo da linguagem, uma vez que nossa proposta é a de observar as hesitações como um fenômeno que seria marca de múltiplos "outros" que constituem o discurso. (Nascimento, 2005, p.69)

Encerrada a revisão da transcrição, destacamos as marcas hesitativas que, pela relação estabelecida com o todo do enunciado, caracterizavam-se como o funcionamento que, em nosso trabalho, foi caracterizado como deslizamento em contexto fonético-fonológico recorrente. Portanto, o aspecto mais peculiar desse funcionamento, que fundamentou a obtenção dos nossos dados, foi o fato de todas as marcas hesitativas destacadas apresentarem uma relação fonético-fonológica fortemente marcada com diversos vocábulos do enunciado em que ocorriam.

As hesitações

Para a identificação das marcas hesitativas, apoiamo-nos em Marcuschi (1999; 2006). Embora o olhar teórico do autor seja diferente daquele que embasou nosso trabalho, é incontestável a sua contribuição para todos os trabalhos voltados ao estudo do fenômeno hesitativo.

Entendendo as hesitações como fenômenos intrínsecos da oralidade, relacionadas com o que se considera planejamento linguístico, portanto, "indícios de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizados na estrutura sintagmática" (Marcuschi, 2006, p.63), o autor desenvolve amplo estudo sobre as hesitações. Nele, busca estabelecer o que chama de características formais das hesitações, identificando, para tanto, as marcas hesitativas e suas principais características.

Apresentaremos a seguir as principais marcas descritas pelo autor. Exemplificaremos cada uma com pelo menos um exemplo retirado do nosso *corpus* que ilustre as representações realizadas durante a transcrição/identificação das marcas hesitativas, as quais podem ocorrer isoladamente ou combinadas com outras marcas. Procuramos dar exemplos que ilustrem ambas as ocorrências.

- **Pausas silenciosas**: constituem-se em silêncios, prolongados ou não, que ocorrem como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe. As pausas hesitativas, para Marcuschi, diferem dos silêncios interturnos, manifestações discursivas que podem até mesmo constituir um turno. Diferem também das pausas de juntura, já que estas seriam sintaticamente previstas.

Na transcrição dos dados, utilizamos o sinal **+** para representar as pausas silenciosas. O número de sinais nas transcrições variou de acordo com a duração das pausas. Assim, usamos **+** para pausas mais breves e **++** para pausas mais longas, como no exemplo que se segue.

> **Exemplo 1** (com interrupção – pausa silenciosa longa – interrupção – pausa preenchida – alongamento – interrupção – gaguejamento)
> **NL** agora pra subir **n/** ((sinal de negação com a cabeça)) ++ **n/ eh:: nov/ n/**no nivelado mesmo + é até bom mas na subida

- **Pausas preenchidas**: trata-se de interrupções da sequência temporal da fala, em geral marcadas acusticamente por expressões hesitativas. Muitas costumam ser precedidas e/ou seguidas de pausas silenciosas breves. Para a transcrição desse tipo de marca, utilizamos as formas "ah", "eh", "uh", conforme convencionadas pelas normas de transcrição do Projeto Nurc.

Exemplo 2 (com pausa silenciosa – pausa preenchida)
NL às vezes eu vou andar dou três quatro passos + **eh::** normal depois eu já + descontrolo

- **Alongamentos hesitativos**: constituem o prolongamento de duração de segmentos da fala, em geral vocálicos. Costumam ocorrer, segundo Marcuschi, predominantemente em final de palavra, sobretudo de palavras monossilábicas, ou em sílabas finais átonas. O autor (1999; 2006) observa que certos alongamentos funcionam como coesão rítmica e são frequentes sobretudo na formação de listas, e outros, comumente acompanhados de elevação do tom, que operam como ênfase. Em geral, salienta, quando, no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, não constituem hesitações, por isso, não foram levados em consideração nos nossos dados. Na transcrição, para representar os alongamentos hesitativos, utilizamos o sinal **::** logo à direita da letra correspondente ao fonema alongado. O menor ou maior número desses sinais (**::** ou **:::**) representa a menor ou maior duração do prolongamento, segundo a nossa percepção auditiva da primeira transcrição.

Exemplo 3 (com alongamento – pausa silenciosa – interrupção – pausa silenciosa – alongamento)
NL [**porque:** + porque depo/ + **pra::** andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal

- **Repetições hesitativas**: são reduplicações de palavras, de grupos de palavras ou de frases. Podem incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais. Sua representação foi feita por meio da transcrição de todos os elementos repetidos.

Exemplo 4 (com repetição de palavra)
NL [depois] da/**da/da** janta teve doce

Exemplo 5 (com repetição de grupo de palavras)
NL [parece que/**parece que** não é porque eles não vêm me ver eu não vou] também né?

- **Gaguejamentos**: consistem em repetições truncadas de fonemas ou de sílabas não significativas para a compreensão da mensagem (Marcuschi, 1999). Nos nossos dados, essa marca também foi representada através da transcrição dos segmentos repetidos.

Exemplo 6 (com gaguejamento)
NL s/s/s/s/ esses tempo nós teve lá + (foi lá passear)

Além das marcas apontadas por Marcuschi, outras merecem destaque:

- **Incoordenações:** de acordo com Dias (2005), seriam alterações de características acústicas de segmentos da fala, com mudança prosódica que pode fazer variar até mesmo a tessitura vocal. Assim como as demais, as incoordenações podem ocorrer combinadas com alguma outra marca de hesitação.

Indo além da proposta de Dias, consideraremos como incoordenações as alterações articulatórias, como imprecisões na emissão de fonemas.

Na transcrição dos nossos dados, as incoordenações foram descritas no interior de uma estrutura com duplo parêntese logo após a ocorrência da marca, conforme o exemplo que se segue.

Exemplo 7 (com incoordenação e alongamento – incoordenação)
NL faz + porque nós nós f:ez ((incoordenação durante o alongamento)) di/ veio direto da fisioterapia ((incoordenação durante o trecho "fisiotera"))

- **Interrupções**: outra marca encontrada em nossos dados. Trata-se de cortes após a emissão de qualquer segmento linguístico, seja fonético-fonológico, lexical ou sintático, o qual pode ou não ser retomado na sequência da produção do enunciado.

Com base na concepção que adotamos sobre o que são interrupções, as marcas hesitativas denominadas por Marcuschi de falsos inícios também foram consideradas como interrupções no nosso trabalho. Isso porque, segundo o autor, os falsos inícios seriam todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema, refeitos ou retomados com elementos como itens lexicais, marcadores discursivos etc. Portanto, de acordo com o autor, os chamados falsos inícios envolveriam o corte de uma unidade sintática, daí terem sido considerados como interrupções no nosso trabalho.

Além dos elementos linguísticos após os quais ocorre um corte, uma interrupção, observamos que nem sempre era a emissão dos segmentos que sofria interrupção. Muitas vezes, o sujeito parkinsoniano realizava apenas os movimentos de articulador necessário para a produção de determinados segmentos e também os interrompia, retomando em momento posterior a produção desses segmentos no enunciado. Denominamos também esses movimentos articulatórios interrompidos de interrupções. Para a representação dos momentos de interrupção, nos nossos dados, usamos uma barra inclinada **/**, ou a descrição, entre parênteses duplos **(( ))**, do movimento articulatório interrompido.

Exemplo 8 (com interrupção – pausa silenciosa – interrupção)

NL nã/ + **p/** (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois (mesmo)

Ocorre, nesse trecho, interrupção de "não" e de /p/.

Exemplo 9 (com alongamento – pausa silenciosa – interrupção)
NL é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao /**v/**)) voltava tudo
Acontece, nesse trecho, interrupção de /v/.

Mais importante do que apenas identificar as marcas hesitativas, nossa preocupação foi observar a relação de cada uma com os trechos que as circundavam e, especialmente, com o processo discursivo em que ocorriam.

3
Resultados e discussão

Ao estudar o funcionamento hesitativo na conversação de um sujeito parkinsoniano e de um sujeito sem lesão neurológica, Nascimento (2005) descreveu cinco desses funcionamentos, dentre os quais destacamos aquele que a autora denominou de tropeços. Em seu estudo, ela observou uma peculiaridade nos chamados tropeços, em relação aos demais funcionamentos hesitativos: apenas eles apresentaram como foco de tensão predominância no plano fonético-fonológico da língua.

Foi exatamente a partir dessa peculiaridade que iniciamos nossas investigações acerca dos deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente. O trabalho de Nascimento foi, portanto, fundamental para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Características dos deslizamentos

Com base nas considerações feitas até o momento a respeito do fenômeno hesitativo, bem como nos apontamentos de Nascimento (2005) sobre o funcionamento

hesitativo foco do estudo que originou este livro, identificamos, na sessão de conversação de NL, 48 marcas hesitativas que, pela relação que apresentam com os trechos que as circundam,[1] podem ser consideradas como pertencentes ao funcionamento deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente, o qual podemos observar na ocorrência a seguir.

Ocorrência 1

JN o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro

NL ++ diz que é ((incoordenação)) diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles falava **q/ d/ q/** + depois do quarto ano tinha um:: + fazia uma: + ((estalo linguoalveolar)) esqueci como é eles falava

MA[2] [admissão]

NL [admi/ primeira] admissão né?

Nesse trecho, não emerge no fio do discurso, como desejado por NL, a palavra "admissão", mas há várias marcas de sua falta no enunciado, como "tem/tinha", "como é que eles falava", "tinha um::", "fazia uma:+". Dentre as marcas dessa falta, são singulares as interrupções que envolvem os fonemas /k/ e /d/, o que, ao nosso ver, se deve ao fato de que o preenchimento da falta, no momento em que ocorrem essas interrupções, acontece por meio de sons presentes em outras palavras do enunciado, como

1 Não nos apoiaremos no recorte metodológico utilizado por Nascimento (2005), que estabelece a relação A–H–B no interior do enunciado em que H ocorre. Nosso recorte será outro, na medida em que os trechos que circundam as marcas hesitativas não necessariamente ficarão restritos aos limites dos enunciados em que elas ocorrem.

2 MA representa uma participante da sessão de conversação em análise – a esposa do sujeito NL.

"que", "doze", "porque" e "tem",[3] no trecho que antecede a marca, e "depois", "quarto", "esqueci" e "como", no trecho que a sucede.

Notamos nessa ocorrência uma peculiaridade do funcionamento hesitativo foco do nosso estudo: há elementos fonético-fonológicos marcados na hesitação que são recorrentes no todo do enunciado de NL (antecedendo e/ou sucedendo a marca hesitativa).

No entanto, não é apenas no interior de um mesmo enunciado que essa recorrência é observada, como veremos a seguir.

> **Ocorrência 2**
> **JN** ((tossiu)) aí é mais [fácil]
> **NL** [((movimento labial próximo a **/f/**))] mais tranquilo mesmo + quando vem a laje já/já é outra coisa mas + cê tem que administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

Nessa ocorrência, destacamos a interrupção em /f/. Encontramos esse fonema nas palavras "fazer" e "feito", e fonema semelhante no ponto e no modo de articulação em "vem" (no trecho que sucede a marca). No entanto, a presença desse mesmo elemento fonético-fonológico é verificada também na palavra "fácil", presente no enunciado da documentadora (JN), que imediatamente antecede o enunciado de NL.

Podemos pensar que o funcionamento deslizamento em contexto fonético-fonológico recorrente está presente não apenas na linearidade de um mesmo enunciado, mas, ainda em um recorte linear, na linearidade entre enunciados de diferentes interlocutores.

---

3 Incluímos a palavra "tem" nessa série dada a semelhança de modo e ponto de articulação entre /t/ e /d/.

Um aspecto interessante desse momento hesitativo é que ele parece mostrar uma tensão léxico-semântica entre "fácil", presente no enunciado de JN, e "tranquilo", que emerge no enunciado que se segue de NL, o qual mostra esse momento de tensão envolvendo o fonema /f/ de maneira concomitante à fala de sua interlocutora. Nesse sentido, a recorrência de /f/ (não apenas no enunciado de NL, mas, inclusive, entre o seu enunciado e o de sua interlocutora) pode indiciar uma tensão (léxico-semântica) entre "fácil" e "tranquilo" provocada pela produção discursiva entre os dois interlocutores.

As duas ocorrências que analisamos, como vimos, apontam para uma relação entre a marca hesitativa e elementos que a circundam, tanto no enunciado de NL quanto no de JN. Ou seja, há movimentos entre as marcas e esses trechos circundantes. Dois tipos de movimentos podem ser detectados nas ocorrências hesitativas de NL, como veremos a seguir.

Ocorrência 3

JN + mas o senhor tá comendo muitas vezes no dia ou não?

NL + **t/**tem dia ++ **q/**que eu (bato) três vezes por dia + quatro

JN pouco demais

Nesse momento da sessão, NL e JN conversam sobre as frequentes dores de estômago que NL sente. No enunciado dele, emergem as palavras "três" e "quatro". Notamos uma proximidade (morfológica e semântica) entre essas palavras, o que permite pensar que elas pertencem à mesma família parafrástica, estando em relação, portanto, não apenas no interior da língua, mas sobretudo no processo discursivo. No enunciado, elas encontram-se em relação de conflito, marcado por elementos como a

pausa silenciosa longa (++); a própria emergência, num primeiro momento, da palavra "três" e, pouco depois, da palavra "quatro"; e ainda pela ocorrência de uma pausa breve antecedendo essa última palavra.

Fator fundamental para nossa análise é que esse conflito também aparece marcado por uma tensão fonético-fonológica. Podemos notar, nesse trecho, a marca hesitativa representada pela interrupção envolvendo os fonemas /t/ e /k/, os quais ocorrem também no trecho que sucede a marca, nas palavras "tem", "que" e "bato" e, mais precisamente, nas próprias palavras em conflito: "três" e "quatro".

Entendemos que, nesse caso, acontece um movimento que caracterizamos como de antecipação. Isso porque a marca hesitativa – a interrupção de /t/ e /k/ – antecipa a emergência desses dois fonemas em palavras que ocorrerão em momento posterior no mesmo enunciado, de forma recorrente.

De acordo com as teorias psicolinguísticas, esse movimento de antecipação poderia ser visto como marca de planejamento da fala. Com efeito, para Goldman-Eisler (1958), o ato de fala estaria baseado num plano antecipatório que apresenta uma estrutura específica, sendo as hesitações indicadoras desse processo.

Para nós, no entanto, numa perspectiva discursiva, o movimento que denominamos de antecipação corresponderia a um momento de negociação no qual relações entre elementos fonético-fonológicos (como /t/ e /k/) e semânticos (como "três" e "quatro") se caracterizariam como outro conflitante para o sujeito. Apoiando-nos em Pêcheux e Fuchs (1990), consideramos que se trata, nesses momentos, de tensões entre elementos em relações parafrásticas (no eixo paradigmático), que acabam por se escancarar na cadeia (eixo sintagmático) do enunciado.

Considerando as famílias parafrásticas como constitutivas da produção discursiva, elas estariam sempre

presentes no eixo paradigmático da produção discursiva, quer ocorram ou não momentos hesitativos no fio do discurso. Os deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente, portanto, indiciariam momentos privilegiados de observação de conflitos presentes no interior de famílias parafrásticas.

No movimento de antecipação, porém, além de um momento que revela conflitos no interior de uma mesma família parafrástica, o próprio eixo sintagmático poderia se apresentar como elemento desencadeador de conflito, já que a própria recorrência de elementos em sequência na cadeia do enunciado pode aparecer como turbulenta para o sujeito. Em outras palavras, o movimento de antecipação parece justamente expor tensões inerentes à interseção de eixos no processo discursivo.

Mas não são apenas movimentos isolados de antecipação que podem ocorrer nos deslizamentos, como veremos a seguir.

Ocorrência 4

NL depois cê vem os ferro por cima + então tem pessoa que não faz nada só fura um buraquinho lá peque/ **f/f/** rasinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

Nesse trecho, destacamos a marca hesitativa representada por gaguejamento envolvendo o fonema /f/. Observamos a presença desse fonema tensionado nas palavras "ferrinho" e "fininho" no trecho em seguida ao gaguejamento. Notamos ainda um complexo de relações (morfológicas, sintáticas e semânticas) entre as palavras "pequeno" (que não chega a ser concluída, mas é parcialmente mostrada antes da hesitação), "rasinho" e "fininho", o que as colocaria em relação ao mesmo tempo paradigmática e sintagmática.

Verifica-se mais claramente, nesse complexo de relações, o movimento de antecipação, representado pela tensão no fonema /f/ e por sua persistência no trecho que sucede a marca hesitativa. No entanto, ao observar esse trecho, também podemos verificar a presença recorrente do fonema /f/. Isso evidencia, a nosso ver, outro movimento característico dos deslizamentos, que consideramos como de continuidade. Nele, o elemento fonético-fonológico tensionado recorrentemente emerge em palavras que antecedem a marca hesitativa. É o que se revela na ocorrência 4, na medida em que as palavras "ferro", "faz" e "fura" já trazem o elemento /f/ tensionado no gaguejamento.

Por que entendemos esse movimento como de continuidade?[4]

---

4 A própria literatura biomédica poderia fornecer elementos para interpretarmos o movimento de continuidade. Essa literatura descreve o que entende como lentidão na execução dos movimentos (Murdoch, 1997) e ainda alterações motoras envolvendo a manutenção de representações cognitivas e motoras, bem como a habilidade de rapidamente transicionar entre movimentos e/ou arranjos cognitivos (Spencer e Roger, 2004) nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson. A partir dessas concepções, poderíamos pensar que a continuidade do movimento observada na ocorrência 4 poderia relacionar-se a um possível prolongamento da movimentação articulatória envolvida na produção de /f/ ao longo do enunciado. Portanto, a movimentação articulatória envolvida na produção desse fonema, recorrente em várias palavras do enunciado, ecoa após as palavras em que ocorre – no momento da marca hesitativa. Poderíamos entender também que, do ponto de vista biomédico, nessa ocorrência e em outras semelhantes o sujeito parkinsoniano, após programar a execução motora do fonema /f/ para produzir as palavras "ferro", "faz" e "fura", apresentaria dificuldades para rapidamente estabelecer outro arranjo motor/cognitivo. Uma marca dessa dificuldade seria novamente, portanto, a emissão de /f/ em um momento de gaguejamento. No entanto, embora a literatura biomédica possa fornecer subsídios para entendermos alguns aspectos do que estamos chamando de continuidade – ainda que restritos aos aspectos

Observando a ocorrência 4, podemos notar que o fonema /f/ aparece pela primeira vez nesse enunciado, justamente na palavra "ferro". Se ampliarmos o recorte de análise, veremos que esse enunciado, na sessão de conversação, segue-se após um longo enunciado de NL, no qual, além da recorrência do fonema /f/ (realçada, a seguir, em bold), "ferro" aparece como elemento em ênfase[5] no processo discursivo.

> **NL** + cê **f**ura uma valeta né + que é uma valeta quer dizer um buraco ++ quadradinho assim + **f**undo + mais ou menos isso aqui ((mostrando com as mãos)) + e ali você coloca uma viga armada + de **f**erro + são hum:: + tem: quatro **f**erro de comprido e m::ilhares ((incoordenação)) de + ( ) ao redor ( ) + assim amarrando + e depois cê + primeiro cê vai **f**azer as broca que a broca é um: cê **f**az um: buraco **f**undo + porque a tendência é aqui ó é igual cê **f**azer assim + cê **f**az um buraco + cê enche de concreto + aí vai pendendo s/ aí não desce se cê **f**izer assim cê não dá conta ó + ou senão aqui ó + puxa cê tem um dedo puxa pra cê ver + então cê **f**ura um buraco **f**undo de uns três quatro metro pra baixo + mais ou menos assim ó + e aquilo você enche de concreto
> **JN** + ah tá

orgânicos comprometidos pela doença –, assumimos privilegiadamente outro ponto de vista para explicar os movimentos presentes nos deslizamentos.

5 Entendemos que "ferro" recebe ênfase pelo seu valor semântico, por se tratar da matéria-prima do elemento sobre o qual NL discorre, a saber, viga armada. Recebe ainda ênfase sintática, por emergir imediatamente antes e depois da expressão parentética. Podemos pensar também em uma ênfase prosódica, pois esse elemento é, no enunciado em destaque, delimitado em suas duas margens por pausas silenciosas.

NL depois cê vem os **f**erro por cima + então tem pessoa que não **f**az nada só **f**ura um buraquinho lá peque/ **f/f**/ rasinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

Observe-se que a pausa que delimita o final do elemento em ênfase, "de ferro", marca também uma abertura para a deriva, ponto a partir do qual, de forma parentética, emergem dizeres explicativos sobre "viga" e "broca", talvez em decorrência da antecipação (Pêcheux, 1990) que NL faz em relação a um provável desconhecimento, por parte de JN, do que seriam, na construção civil, uma "viga" e uma "broca". Em outras palavras, com a pausa abre-se um "buraco de significação", momento no qual "a deriva tanto pode instalar-se concretamente – criando um *non-sense*, ou a dispersão – quanto pode ser evitada" (Tfouni, 2008, p.74).

Como "não existe uma liberdade completa de seleção, visto que o simbólico tem suas delimitações, e também porque a palavra que vai entrar ali já está comprometida com o contexto" (id., ibid.), o que emerge na cadeia são justamente elementos bastante comprometidos pelo contexto enunciativo-discursivo. Esse comprometimento reforça-se no enunciado a seguir (aquele correspondente à ocorrência 4, no qual o gaguejamento f/f/ ocorre), já que inicia exatamente pelo retorno do elemento em ênfase. Esse retorno, portanto, indicia um momento de autoria na enunciação, na medida em que, a partir dessa posição discursiva, NL "consegue estruturar seu discurso [...] de acordo com um princípio organizador contraditório, porém necessário, visto que existe, no processo de produção de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentidos inevitável, que o autor precisa 'controlar' [...], a fim de dar ao seu discurso uma unidade

aparente, com começo, meio e 'fechamento'" (Tfouni, 2001, p.82-3).

Destaque-se, ainda, que esse retorno aparece ancorado inclusive pela repetição "depois cê" ("depois cê vem os ferro por cima"), expressão deixada em suspenso e que provoca outro "buraco de significação" no enunciado anterior.

"Ferro" é elemento central nesse momento do processo discursivo. É interessante notar que, no significante desse elemento, o fonema tensionado na marca hesitativa aparece exatamente na sílaba acentuada. Além disso, notamos no enunciado anterior uma grande ocorrência de /f/ (nas palavras marcadas em bold), como já observado. A marca hesitativa poderia representar um momento de tensão que envolve tanto a importância discursiva de um elemento, "ferro", quanto a recorrência de /f/ em várias palavras do enunciado.

Temos, assim, argumentos de várias naturezas que justificariam nossa proposta de que, além de antecipações, ocorreria também um movimento de continuidade de elementos fonético-fonológicos num enunciado, o qual marcaria tensões entre elementos de diferentes planos do processo discursivo.

Ressalte-se, no entanto, que a tensão observada em diferentes planos desse processo pode envolver, conforme verificamos na ocorrência 4, os dois movimentos (antecipação e continuidade) na linearidade do enunciado. É o que o gaguejamento de /f/ parece indiciar, na medida em que, num movimento de antecipação, escancara um complexo de relações (morfológicas, sintáticas e semânticas) e, num movimento de continuidade, expõe tensões envolvendo o plano fonético-fonológico, bem como a tensão relacionada à importância discursiva do elemento enfatizado, "ferro".

Vejamos agora uma ocorrência em que se pode verificar outro tipo de continuidade.

Ocorrência 5
JN o prolopa é que dá: e o acneton
NL não ++ o prolopa não dá não
JN não tá dando não?
NL o prolopa (num dá/) o que dá é o acneton
JN + o acneton? + é tem gente que dá com o prolopa também
NL nã/ + **p/** (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois (mesmo)

Ressalta, nesse trecho, a interrupção do fonema /p/ no interior de uma marca combinada que se caracteriza por interrupção após "nã", seguida de pausa silenciosa e de interrupção após "p". Notamos a repetição desse elemento no trecho que sucede a marca hesitativa, na palavra "pode". Mas o trecho que nos interessa é o que antecede a marca.

Nesse momento da sessão da conversação, o objeto discursivo mais específico (no interior de um objeto discursivo mais geral: doença) são as dores de estômago mencionadas por NL, as quais estariam relacionadas ao uso dos medicamentos prolopa e/ou acneton. É justamente o conflito entre se apenas um (apenas acneton) ou ambos (acneton e prolopa) provocam dor de estômago que parece indiciado pela marca hesitativa, na medida em que NL, após negar a ação de prolopa para eliminar suas dores – "o prolopa (num dá/) o que dá é o acneton" –, parece admitir essa possibilidade: "mas pode ser os dois (mesmo)".

Portanto, a marca de hesitação pode indiciar uma tensão que envolve, simultaneamente, o plano fonético-fonológico (a continuidade de /p/ após a repetição de prolopa

e, de modo relacionado, sua antecipação em "pode") e léxico-semântico da língua (conflito entre elementos lexicais de uma mesma família parafrástica), no conflito de NL de admitir ou não a possibilidade de que prolopa provoca-lhe dores de estômago ("nã/ / pode ser").

Destaca-se nessa ocorrência (que a diferencia da ocorrência 4) o fato de que, nela, o movimento de continuidade parece decorrer não exatamente da produção de um enunciado por parte de NL, mas também da produção de enunciados de sua interlocutora (JN). Podemos concluir que esse movimento pode derivar de um momento em que vemos escancarada a heterogeneidade do discurso, uma vez que o momento de tensão no qual a marca hesitativa ocorre se dá pela construção conjunta dos interlocutores.

As ocorrências 1 a 5 exemplificam características dos deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente identificadas na sessão de conversação em análise.

Nesse funcionamento hesitativo, a principal característica é a tensão em um elemento fonético-fonológico que ecoa no interior do enunciado em que a marca de hesitação ocorre e entre enunciados, seja do próprio sujeito e/ou de sua interlocutora.

Notamos ainda que os elementos fonético-fonológicos podem recorrer no trecho que sucede a marca hesitativa, figurando o movimento que chamamos de antecipação, assim como no trecho que antecede a marca, caracterizando o movimento de continuidade.

Lembremos que a antecipação e a continuidade são movimentos observados na linearidade do enunciado. Logo, partindo de uma análise linear, pudemos verificar uma característica fundamental dos deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente: nesse funcionamento, a repetição deslocada de um fonema parece remeter predominantemente à configuração fonológica

de palavras adjacentes nos trechos que antecedem e/ou sucedem a hesitação.

Mas, conforme pudemos verificar nas ocorrências 1 a 5, assim como nas demais que constituem nosso *corpus*, a tensão provocada por essa repetição parece fortemente vinculada a outros tipos de tensões, que remetem tanto a elementos de outros planos da língua quanto do processo discursivo. Em outras palavras, no interior de uma análise linear, pudemos verificar que os deslizamentos evidenciam momentos em que "outra voz [...] de repente se faz ouvir ao lado das palavras do sujeito" (Tfouni, 2008, p.76).

No entanto, pensamos que uma análise que não se restrinja à linearidade permitiria a observação de outros elementos discursivos além dos aqui apontados, que é o que procuramos demonstrar, para tentar recuperar as relações entre os deslizamentos e os fatos constitutivos do processo discursivo em que ocorrem.

Os deslizamentos e o processo discursivo

Como já exposto, nossa análise foi norteada por contribuições de estudos discursivos, visando a melhor compreensão do funcionamento hesitativo deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente no interior do processo discursivo. Para tanto, neste momento da análise, retomamos as concepções de Pêcheux (1990) sobre o processo discursivo, procurando estabelecer relações entre as características gerais desse processo e as características mais específicas do processo discursivo em análise.

Para "definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos e sua generalidade", Pêcheux (1990) se apoia no conceito de condições de produção do

discurso, mecanismo que, segundo ele, envolve os protagonistas e o objeto do discurso.

A partir de suas considerações acerca das condições de produção do discurso, temos que, num dado processo discursivo, os protagonistas – chamados pelo autor de A e B – "designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] marcados por propriedades diferenciais determináveis" (p.82).

A sessão de conversação selecionada permite refletir sobre os protagonistas desse processo discursivo (NL e JN) e sobre os lugares – construídos, como lembra o autor, a partir de formações imaginárias – nele ocupados por esses sujeitos.

Essa sessão foi gravada no interior de um hospital, local onde JN e NL se conheceram. JN, fonoaudióloga, trabalhava no hospital na época das gravações e conheceu NL por ocasião de um encontro em que estavam presentes outros profissionais da saúde, com sujeitos com diagnóstico neurológico de doença de Parkinson.[6]

Foi nessas condições que se estabeleceu a relação entre JN, ocupando o lugar de profissional da saúde, e NL, portador de uma doença neurológica. No processo discursivo analisado, com frequência emergiram indícios que apontam para uma tensão na posição ocupada por NL, a partir de uma possível imagem que ele faz de si mesmo nesse lugar. Com efeito, parecem em conflito para NL, por um lado, o lugar de manutenção/progressão da doença e, por outro, o lugar da possibilidade de melhora, de redução dos efeitos da doença, reforçada pelo imaginário social (assumido por NL) de que JN ocupa o lugar do profissional que pode prover essa melhora. Pudemos recuperar

6 Para maiores informações, ver Nascimento (2008).

indícios dessa relação imaginária no decorrer da sessão de conversação, como no enunciado a seguir.

(a) **NL** hum:: +++ e que que que o quadro nosso (diminui/ t/) o que que tá acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

No entanto, NL dá pistas de que, na tensão de lugares que ocupa, o dominante é o de sujeito doente. Indícios dessa dominância podem ser recuperados nas falas que se seguem.

(b) **NL** + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?
JN + por quê?
NL por causa da gastrite

(c) **NL** + hoje eu tô até bem ++ mais difícil pra mim tá sendo andar viu
[...]
JN + e como é que tá indo na fisioterapia?
NL vim de lá agora
JN + tá fazendo direitinho?
NL ah:: faz mas mais ou menos ( ) ++ devagar demais né

Notamos, nos recortes em destaque, que o lugar da doença é reforçado, conforme já destacamos. Por sua vez, nos enunciados de JN, é a imagem de profissional da saúde que aparece reforçada.

(d) **JN** + e as caminhada o senhor não tá fazendo?
[...]
NL [comecei] fazer esses tempo atrás depois parei de novo
JN ai ih:: [mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história]

(e) **JN** + o senhor tá tomando os mesmos remédios?

Nesses recortes, e em todo o processo discursivo, um fator interessante é o conflito de lugares (ou dominância de lugares) entre JN e NL. São frequentes, nos enunciados de NL, tentativas de manter-se na posição de doente, enquanto, nos enunciados de JN, predomina a tentativa de mudar esse lugar ocupado por NL. Podemos observar indícios desse conflito no recorte a seguir.

(f) **NL** tô mais ou menos
JN + ei mas tá [tudo mais ou menos]

Esses conflitos, no entanto, a nosso ver, revelam uma tentativa de manutenção dos lugares que predominantemente paciente e terapeuta ocupam.

Lembremos que "esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo" (Pêcheux, 1990). Temos, portanto, uma situação discursiva atravessada por um conflito em relação à imagem da doença. Diante das formações imaginárias que atravessam os lugares ocupados por JN e NL, podemos entender por que, na sessão analisada, o objeto doença tornou-se marcante como objeto discursivo. Em outras palavras, a partir das relações pelas quais NL e JN marcam a si próprios discursivamente, temos a doença (e não só a de Parkinson) como um importante outro, que predomina no processo discursivo.

Outros objetos discursivos emergem no processo em questão, permeados não apenas pela dominância que caracteriza o conflito entre JN e NL, o que constitui fato digno de destaque. Temos, por exemplo, o objeto discursivo família, atravessado por outro tipo de formação imaginária. Esse objeto emerge no discurso sobretudo em função da presença de outro protagonista, MA, esposa de NL. É em relação a essa protagonista que NL se marca, discursivamente, em outra posição.

Vamos observar mais de perto essa relação.

Todas as sessões de gravação com NL contaram com a presença de MA, parcial ou totalmente. Ela chegou a participar diretamente de momentos da conversa, como se pode verificar nos recortes a seguir.

(g) **NL** e:u ((incoordenação)) fui lá umas duas vezes né bem três né?
MA acho que sim

(h) **JN** estudou não? + até que série que ela fez?
NL ++ foi/ + até:: + quarto ano né?
MA até quinta
NL quinta + quinta série

Nesses recortes, o lugar a partir do qual MA se constitui (ou é constituída por NL) como protagonista do discurso é o do apoio, na medida em que funciona como ancoragem da produção discursiva de NL. A própria presença de MA na sessão sustenta a possibilidade dessa constituição discursiva, assim como outras formas de presença, cujas marcas se extraem de informações que emergem no decorrer da sessão, como o fato de MA acompanhar NL também na fisioterapia.

Identificamos, portanto, distintos lugares ocupados por NL em relação às suas interlocutoras, JN e MA. Com a primeira, como vimos, há uma relação de oposição, de distanciamento, enquanto com a segunda a relação é de apoio, de ancoragem. Quanto a esses dois tipos de relação, "encontram-se [...] formalmente diferenciados os discursos em que se trata para o orador de transformar o ouvinte [...] e aqueles em que o orador e seu ouvinte se identificam" (Pêcheux, 1990, p.85).

Na relação entre NL e JN, esta ocupa o lugar discursivo de tentar "transformar o ouvinte", ou seja, de afastá-lo da posição de sujeito doente. Já na relação entre NL e MA, percebemos certa identificação, revelada pela possibilidade de manutenção da posição de sujeito doente por

NL, uma vez que, nessa posição, ele se mostra como alguém que necessita de apoio, de um lugar de ancoragem.

Embora as relações entre NL e suas interlocutoras tenham sido estabelecidas de maneiras distintas, a posição ocupada por ele nos dois tipos de interlocução parece intimamente relacionada com o objeto doença, pelo menos no processo discursivo em análise. Entretanto, como destaca Pêcheux (1990) a respeito das posições imaginárias ocupadas pelos protagonistas do discurso, "é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições" (p.82-3).

É o que ocorre com NL, na medida em que é possível verificar, no mesmo processo discursivo, a emergência de outro lugar do qual esse sujeito se marca quando é deslocado o objeto discursivo – de doença e família para trabalho. Em outras palavras, numa mesma situação discursiva, observamos diferentes jogos entre protagonistas e objeto.

Nas ocasiões em que emerge o objeto trabalho, o próprio encadeamento discursivo torna-se o elemento mais representativo da mudança de posição ocupada por NL. Com efeito, seus enunciados tornam-se mais longos, ao passo que os enunciados de JN mostram-se mais curtos e menos frequentes, diferentemente do que se vê nos momentos em que a posição de sujeito doente está em evidência, como mostra o recorte que se segue.

(i) **NL** [comecei] trabalhar de servente depois fui pra pedreiro depois passei: mestre de obra + aí eu só tinha o engenheiro/ + mais do que eu né ++ já fiz muita casa e: pré:dio aqui em Uberlândia + administração de ( )

JN uhum

NL + umas casa chique (minha filha)

Além dessas mudanças no encadeamento, quando o objeto trabalho torna-se dominante no processo discursivo, notamos também maior uso de enunciados explicativos, o que pode indiciar uma projeção da imagem que NL faz da interlocutora JN a respeito desse objeto discursivo: a de que provavelmente não tem conhecimento acerca do seu trabalho (a construção civil).

> **(j)** **NL** isso é o reboque né + cê eh:: n/ ((incoordenação durante alongamento)) pra colocar ali cê tem que colocar as tábua que é o madeiramento + aí depois cê reboca + passa massa + amacia as parede pra/ ficar (liso assim) + depois vem a pintura

Essas características mostram mudanças de posição de NL, bem como de suas relações com o objeto discursivo (o trabalho) e com sua interlocutora JN, colocada no lugar do não saber nos momentos em que emerge o objeto trabalho. São esses os momentos em que NL ocupa a posição de autor no processo discursivo de modo mais evidente, na medida em que "retroage sobre o processo de produção de sentidos, procurando 'amarrar' a dispersão que está sempre virtualmente se instalando, devido à equivocidade da língua" (Tfouni, 2001, p.83).

Em outras palavras, parece haver uma mudança no próprio jogo de imagens e no lugar ocupado por NL quando aflora no processo discursivo o objeto trabalho.

> **(k)** **NL** (talvez diz que) tinha engenheiro que eu ( ) entendia mais do que ele né
> **JN** + ah é?
> **NL** é uai + tem muitos uai + (isso) porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

Nesse recorte, NL se posiciona em lugar de superioridade em relação aos colegas de profissão, incluindo os engenheiros, diferentemente de quando, no processo discursivo, emergem os objetos doença e família, em relação aos quais a imagem que parece fazer de si mesmo é a de submissão, dependência e resistência a se deslocar.

Outra mudança de posição de NL pode ser observada quando outro objeto aflora no processo discursivo: o objeto estudo. Vejamos o recorte a seguir.

(l) **NL** em Minas não tem não ++ doutorado não?
JN pra minha área não
NL não?
JN não + pro que eu queria não + mas assim: eu vo::u mas + minha família tá aqui: né então + vou sempre tá aqui + também
NL uhum ++ coisa boa
JN + mas é quatro anos né?
NL quatro anos? ++ mas é uma vez por semana?
JN + toda semana
NL pois é mas é uma vez só

Quando esse objeto emerge no processo discursivo, há momentos, como no recorte anterior, em que o foco do processo se volta para/sobre JN. Digno de destaque, nesses momentos, é o fato de não ocorrerem deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente nos enunciados de NL. Podemos pensar que, quando ele não está em foco, as negociações com os outros que o constituem são menos tensas, o que explicaria essa ausência de deslizamentos.

Em síntese, no processo discursivo analisado, diferentes objetos discursivos circulam, tais como doença, família, trabalho e estudo. Essa circulação, no entanto, é imaginária, uma vez que remete a um complexo de relações imaginárias (entre protagonistas e objetos), reafirmadas no processo discursivo. Como afirma Pêcheux (1990),

"o 'referente' pertence [...] às condições de produção [...] se trata de um **objeto imaginário** (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física" (p.83).

É importante ressaltar que a análise do processo discursivo aqui proposta não é linear. Logo, a emergência de um objeto discursivo não supõe o desaparecimento de outros, já que, constitutivamente, eles se sobrepõem (um deles pode se mostrar como dominante em relação aos demais) e se interpenetram no processo discursivo.

Assim, a partir dos objetos discursivos identificados, procuramos observar como os deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente se mostram no interior do desenvolvimento de cada um desses objetos.

Iniciamos com o objeto discursivo doença.

Ocorrência 6
NL [porque: + porque depo/ + pra:: andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal
JN + ((tosse))
+ agora pra subir **n/** ((sinal de negação com a cabeça))
++ n/ eh:: nov/ n/no nivelado mesmo + é até bom mas na subida

Nessa ocorrência, destacamos a marca hesitativa combinada que envolve interrupções, pausa silenciosa e pausa preenchida com alongamento. Destacamos a presença do fonema /n/, tensionado durante a marca.

Na análise linear do enunciado, verificamos a ocorrência de /n/ no trecho que antecede a marca hesitativa – mais especificamente, em "normal", palavra que, em termos prosódicos, recebe o acento que delimita um enunciado fonológico (Nespor; Vogel, 1986), e em "não", palavra que possivelmente foi interrompida, como sugere o sinal de negação com a cabeça –, bem como no trecho que sucede essa marca – em "nivelado", palavra que também recebe

foco tanto prosódico quanto sintático, por meio da palavra "mesmo". Podemos pensar, portanto, em um deslizamento em contexto fonético-fonológico recorrente no qual estariam presentes os movimentos de continuidade e de antecipação. A marca hesitativa em destaque pode ser entendida como um momento de tensão no qual o foco está em um "outro" específico: a língua, de modo mais marcado, em seu plano fonético-fonológico.

No entanto, observando mais atentamente esse trecho, no momento em que a hesitação ocorre, o mesmo foco de tensão envolve também elementos de outras naturezas.

A ocorrência da hesitação mostraria, nesse sentido, além da tensão fonético-fonológica, uma tensão semântica entre andar na descida, no nivelado (no plano) e na subida. NL é, portanto, capturado pela heterogeneidade da língua e da linguagem, e não "contém" a deriva dos múltiplos sentidos (mais especificamente, de direções de movimento) de caminhar que poderiam aflorar na materialidade desse enunciado. Portanto, num momento de negociação, um "outro" semântico irrompe.

Mas não são apenas os planos fonético-fonológico e semântico que se marcam como elementos importantes para entendermos esse momento de negociação. Estendendo a análise para além do enunciado em que a marca hesitativa ocorre – porém ainda em um recorte linear –, é possível recuperar fatos das condições de produção do enunciado que também atuariam no momento da hesitação:

> **JN** mas lá:: perto da casa do senhor não é que tem uma pista lá que o senhor faz caminhada?
> **NL** tem
> **JN** + e lá não é reto?
> **NL** pois é mas tem o problema que cê tem que descer né?

Nesse enunciado, pela descrição do local em que NL reside, pode-se deduzir que perto da sua casa há uma des-

cida, e no fim dela depara-se com uma pista plana, própria para caminhadas. Logo, para ir até a pista, caminhar e retornar à sua casa, NL precisaria fazer o seguinte trajeto: descida – plano – subida. Notamos, pois, que o conflito fonético-fonológico/semântico marcado no evento hesitativo decorreria de uma tensão que envolve também um elemento das condições de produção do discurso.

Pelos aspectos apontados até o momento, temos subsídios para entender a hesitação nesse enunciado e o próprio fenômeno hesitativo como um momento de tensão que envolve "**formas** – linguísticas [fonético-fonológicas e semânticas] e discursivas [elemento das condições de produção]" (Authier-Revuz, 1998, p.14) – no interior do processo discursivo. Encontramos, pois, indícios de que muitos outros, localizados em diferentes planos da língua e da linguagem, concorreriam nos momentos de hesitação.

No entanto, além das negociações que foi possível identificar pela análise linear do enunciado (ou dos enunciados que circundam a marca hesitativa), há também um elemento que se fez presente durante toda a sessão de conversação, já apontado: trata-se da relação imaginária que NL estabelece com a doença.

No enunciado anterior, NL aborda um aspecto que ele próprio, em um momento específico da sessão de conversação, revela que é a maior dificuldade identificada e atribuída à doença de Parkinson: a marcha. Logo, todo o conflito – que, como vimos, envolve diferentes planos da língua e pelo menos um elemento das condições de produção – escancarado na marca hesitativa é norteado/atravessado pela relação (discursiva) sujeito/doença.

Observamos ainda, no enunciado, pistas de que NL ocupa um lugar de afastamento da doença, como na descrição da marcha durante a descida e no plano, em que sua dificuldade seria menor. Entretanto, a posição de sujeito

doente também se revela no enunciado, ao mencionar a dificuldade da marcha durante a subida. Mesmo o afastamento dessa posição não parece total, pois ele declara que a marcha na descida é "quase normal" e andar no plano (ou nivelado) "é até bom". Vemos, portanto, na ocorrência 6, indícios do conflito relacionado às posições ocupadas por NL em relação ao objeto discursivo doença, caracterizado simultaneamente por marcas de afastamento e de reafirmação da posição de doente.

Já no trecho que se segue ao enunciado da marca hesitativa, percebemos que a posição predominantemente ocupada por JN – a de profissional da saúde – é reafirmada. A interlocutora questiona os argumentos de NL com relação às dificuldades na marcha, emergindo, em seu enunciado, tentativas de convencê-lo a caminhar com mais frequência. Assim, a ocorrência 6 e o trecho que se segue a ela ilustram a relação de oposição entre as posições ocupadas por NL e por JN quando emerge o objeto discursivo doença. Como vimos, a posição discursiva de NL é caracterizada pelo conflito afastamento/reafirmação da doença, enquanto a posição de JN parece predominantemente atravessada pela imagem de quem possui subsídios para deslocá-lo do lugar de doente.

Podemos pensar, então, que a doença é, nesse enunciado, assim como em outros no interior da sessão, um lugar imaginário no interior do qual são reforçadas as posições paciente/terapeuta entre NL e JN, as quais se sustentam por uma relação de oposição.

A doença pode ser entendida, então, como um objeto discursivamente construído. Em outras palavras, muito além de um problema neurológico que provocaria alterações motoras, ela seria um objeto imaginário construído por uma relação (entre interlocutores) plena de conflitos. As dificuldades orgânicas – amplamente descritas pela literatura biomédica – emergem nos enunciados de NL, so-

bretudo como reforço ao lugar de sujeito doente que ocupa quando o objeto discursivo doença está em evidência.

Os conflitos escancarados pela marca hesitativa em destaque apontam para a materialização da deriva, já que mostram, na materialidade discursiva, a constituição heterogênea do sujeito (em afastamento e em reafirmação da posição de doente) e do sentido.

Conflitos podem ser observados também quando o objeto discursivo predominante é família.

Ocorrência 7
NL [depois] da/**da/da** janta teve doce

Nesse enunciado, mais uma vez, observamos movimentos de continuidade e de antecipação de elementos fonológicos que circundam a marca hesitativa, na qual tais movimentos podem ser detectados pela presença do elemento fonético-fonológico /d/ – caracterizada pela repetição da sílaba "da" – e nas palavras "depois" (no trecho que antecede a marca) e "doce" (no trecho que a sucede). Podemos pensar em antecipação também pela presença de /t/ – fonema que, pelo ponto e pelo modo de articulação, é muito semelhante a /d/ – nas palavras "janta" e "teve".

No entanto, estendendo a análise para o trecho que antecede o enunciado, encontramos indícios de outros focos de tensão relacionados ao elemento fonético-fonológico recorrente.

NL + o que que fizeram? + a MA fez eh/ o que foi? ((virando-se para MA))
JN uai
NL um almoço
MA + uma janta né?
NL é uma janta
JN uma janta? o que que tinha nessa janta?

> **NL** + (vários:) ++ tinha carne assada ++ tinha ++ eh: maionese
> **JN** hum::
> **NL** macarronada
> **JN** + tava bom lá então [hein]
> **NL** [depois] da**/da/da** janta teve doce

No momento em que lhe falta uma palavra ("janta"), NL ancora-se, discursivamente, em MA. Aflora, no enunciado dele, a palavra "almoço", corrigida pela esposa no enunciado: "uma janta né?".

Nota-se, no trecho como um todo, um conflito envolvendo dois termos em relação parafrástica: almoço e janta, conflito aparentemente solucionado com a intervenção de MA, mas que perdura, como sugere a repetição hesitativa "da/da/da" antes de emergir a palavra "janta" no enunciado de NL.

É possível pensarmos que a marca hesitativa indicia não apenas uma tensão fonético-fonológica, caracterizada pela continuidade e pela antecipação, mas sobretudo uma tensão entre esse plano da língua e o semântico, evidenciada pelo conflito entre janta e almoço.

Mas não só isso. Uma análise não linear permitiria recuperar, também nesse momento, indícios da relação imaginária entre NL e suas interlocutoras JN e MA. Como já observamos, é conflituoso o lugar ocupado por NL em relação a elas, na medida em que JN ocupa predominantemente um lugar de questionamento àquele ocupado por NL, ao passo que MA ocupa um lugar de apoio, de ancoragem. É o que mostra o trecho selecionado, no qual tanto se observa o lugar de questionamento ocupado por JN ("uai") quanto o lugar de ancoragem ocupado por MA ("uma janta né?").

Portanto, mais uma vez, a hesitação se configura como um momento no qual é escancarada uma possível negociação entre elementos linguísticos (fonético-fonológicos, semânticos) e discursivos.

Vimos, até aqui, momentos de negociação marcados por hesitação, em que a posição de sujeito doente é ocupada por NL, em relação aos objetos discursivos doença e família. No momento a seguir é possível recuperar indícios de outro lugar imaginário no qual o sujeito se constitui.

Ocorrência 8
JN + e aqueles prédio que cai né
NL pois é
JN Deus me livre
NL + pois é:/ é que a maior parte que cai é por causa disso ( ) ((incoordenação)) + é por que a + a:: ((incoordenação)) + a construção u:: ((incoordenação)) o cimento é a base a/a/ a b/ase ((incoordenação)) é **d/** é três lata de areia + duas lata **de**/de meia de areia e u:/uma lata de cimento + são dois e meio por um que se fala + entendeu? + agora tem pessoa que põe quatro + o que acontece d/daí co/co/ põe quatro da/daí e:sfarinha né e ele: [...]
JN não firma?
NL não end/ não endurece + que acontece que os prédio cai né + se bem que eles cai sai até poeria + parece que tá (assoriando)

Identificamos nesse trecho, em que o objeto discursivo trabalho predomina, marcas hesitativas, como a interrupção após o fonema /d/, presente nas palavras "três",[7] "lata", "duas", "cimento", "dois" e "entendeu", bem como a repetição hesitativa "de/de". Essa tensão fonético-fonológica, no entanto, não se desvincula de uma tensão semântica, já que revela também um conflito entre diferenças de quantidades (de areia e de cimento).

7 Lembremos a semelhança entre /t/ e /d/ com relação ao ponto e ao modo de articulação.

Podemos recuperar, a partir da marca hesitativa e de sua relação linear com os trechos que a circundam, um momento de negociação entre alguns elementos que ocorrem no interior de uma mesma família parafrástica, que envolve valores numéricos: "três latas de areia para uma de cimento"; "duas latas de areia para uma de cimento"; "duas latas e meia de areia para uma de cimento".

Digno de nota é o momento discursivo no qual a marca hesitativa irrompe. JN ocupa, aqui, uma posição imaginária calcada no não saber, uma vez que é ela quem recebe esclarecimentos de NL. Em outras palavras, é possível pensar que a própria emergência da medida das quantidades de cimento e areia é interpretada, no imaginário de NL, como se JN desconhecesse tais medidas.

O trecho reproduzido confirma, portanto, que, ao aflorar o objeto discursivo trabalho, as relações imaginárias entre os protagonistas do discurso são outras, distanciando-se daquelas que dominam quando se trata do objeto doença. A imagem que NL tem de si mesmo parece se modificar quando ele ocupa a posição de detentor do conhecimento.

Assim, as marcas hesitativas irromperiam em momentos conflituosos nos quais a posição ocupada por NL e a imagem desse sujeito em relação aos seus interlocutores estariam em negociação. A interrupção após /d/ e a repetição "de/de" seriam, nesse caso, "formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso" (Authier-Revuz, 1990, p.26).

Vejamos outro modo de negociação da heterogeneidade que caracteriza o processo discursivo em análise.

Ocorrência 9

JN + gen::te ficava um ano [voltando] tudo?

NL [um ano]

> **NL** é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao **/v/**)) voltava tudo e começa e t/tinha mais u:/u:/uma parte a mais ++ difícil ( ) + depois que cê entrava no primeiro colegial

Esse trecho irrompe em um momento no qual o objeto discursivo estudo predomina. O foco está voltado para NL ou, mais precisamente, para momentos de sua vida escolar.

É interessante notar que, ao emergir o objeto estudo, o foco do discurso volta-se predominantemente para JN. Esse momento é uma exceção. No entanto, chama a atenção o fato de que a marca hesitativa – a interrupção do /v/ – aponta uma possível ancoragem de NL no enunciado anterior (de JN).

O que chamamos de ancoragem relaciona-se ao movimento de continuidade, marcado pela presença de /v/ nas palavras "ficava" e "voltando", presentes no enunciado de JN, e pela interrupção de /v/ no enunciado de NL. Tal ancoragem pode ser percebida também pela emergência, no enunciado dele, de "voltava tudo". Esta expressão, além de conter (em "voltava") o elemento fonético-fonológico tensionado na marca, configurando um movimento de antecipação, ocorreu no enunciado de JN: "+ gen::te ficava um ano [voltando] tudo?".

Desse modo, embora na maior parte do processo discursivo em análise a relação estabelecida entre NL e JN aponte para um conflito, para uma oposição entre manter ou abandonar o lugar da doença, nesse momento NL coloca JN em um lugar de ancoragem. Essa relação de apoio só surge quando atravessada por outro objeto discursivo que não seja a doença, uma vez que, fora desse lugar, as imagens de NL em relação a si mesmo e ao outro parecem se modificar.

Em outras palavras, não ocupar a posição de sujeito doente cria um jogo de cumplicidade entre NL e JN, a qual se mostra, no fio do discurso, como uma relação de ancoragem. Existem marcas (nesse caso, a interrupção após /v/) "profundamente reveladoras do processo discursivo em que estão inseridas". Tais marcas apontam "de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir" (Authier-Revuz, 1990, p.31).

Vimos, nas ocorrências 6 a 9, relações entre deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente e diferentes objetos mobilizados no processo discursivo em análise. Observamos que os deslizamentos se configuram como momentos marcados por negociações que evidenciam tensões entre diferentes planos da língua e da linguagem, sendo o plano fonético-fonológico um lugar de tensão comum a todos os nossos dados de análise. Verificamos, ainda, que essas tensões vinculam-se a diferentes jogos de imagens entre NL e os demais protagonistas do discurso.

Com relação aos objetos discursivos, a posição de sujeito doente é aquela predominantemente ocupada por NL. No entanto, embora o objeto doença atravesse todo o processo discursivo, "nem todos os elementos [por exemplo: objetos discursivos] têm uma eficácia necessariamente igual [...] um dos elementos pode ser dominante no interior das condições de um estado dado" (Pêcheux, 1990, p.86).

Considerando a possibilidade de momentos de dominância de um objeto em relação a outros constitutivamente presentes num mesmo processo discursivo, os deslizamentos em análise podem indiciar não apenas a dominância de um objeto discursivo, mas também momentos de tensão entre diferentes objetos. São deslizamentos dessa outra natureza que veremos a seguir.

Ocorrência 10

NL + que a coisa mais difí**c:/c:/**cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + (talvez) vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já

O enunciado emerge quando o objeto trabalho é privilegiado. Como se pode perceber, irrompem no enunciado de NL questões específicas de sua profissão (mestre de obras), incluindo as dificuldades enfrentadas na construção civil. Ressalte-se que dificuldade, no processo em análise, é uma propriedade discursiva que sustenta a reafirmação da posição discursiva de sujeito doente, propriedade lexicalizada pelo adjetivo "difícil" em vários momentos do processo discursivo.

Nessa ocorrência, o termo "difícil" emerge com marcas hesitativas em seu próprio interior, diferentemente de outros momentos, em que a marca hesitativa precede a emergência desse termo. Pode-se pensar em um conflito entre pelo menos dois enunciados potencialmente presentes nesse momento da enunciação. Isso porque, apesar de nesse momento, de modo mais evidente, NL tratar das dificuldades enfrentadas na construção civil, parece emergir, na marca hesitativa, o objeto predominante de todo o processo discursivo: a doença. Se essa hipótese está correta, ante a deriva que tenta se instalar nesse momento, esse objeto predominante – que tenta emergir na cadeia sintagmática durante a hesitação – é silenciado para que o enunciado em curso nessa cadeia, que se constrói a propósito do objeto trabalho, mais especificamente, quando emergem as dificuldades relacionadas à profissão de NL, possa ser mantido.

Verificamos, pois, um conflito entre objetos discursivos, trabalho/doença, marcado por hesitação. Outro tipo de conflito pode ser verificado a seguir.

Ocorrência 11
NL na casa da minha família também eu passo ano sem ir lá + tem um irmão que tem aqui eu passo/ passei ano sem ir lá
(...)
JN [((tossiu))] tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?
NL + é: mas às vezes é uma hora que cê não tá com vontade cê sair cê:: fica **p/** (fica) ((incoordenação)) outra pessoa né? + (se) ((incoordenação)) controla ma:is conversa mais um pouco né? + então eh: porque eh (isso aí) + difícil é cê começar + é igual eu sempre ((incoordenação)) que eu v/v/venho aqui f/f/fazer entrevista com você + no momento que nós começamos eu acho (muito) difícil + depois vou/ + vai soltando devagar [né?]

Destacamos, no enunciado de NL, a interrupção de /p/. Esta marca se mostra em um dos momentos em que o objeto família é dominante no seu processo discursivo.

Notamos que, embora a marca hesitativa aponte para um momento de tensão fonético-fonológica, mostrado pelo movimento de antecipação – interrupção após /p/ – da palavra "pessoa" (de importância prosódica no enunciado, já que carrega o acento de uma frase entonacional), aponta ainda para propriedades discursivas mais características do objeto doença, como a necessidade de controle – "controla ma:is" – e a própria dificuldade – "difícil é cê começar".

Podemos pensar, assim, que a marca indicia negociações que se dão no plano fonético-fonológico da língua e entre os objetos discursivos família e doença.

Os deslizamentos exemplificados pelas ocorrências 10 e 11 mostrariam, portanto, momentos de tensão entre objetos discursivos que perpassam o processo em análise. Vejamos mais um exemplo de um momento de tensão, desta vez, entre os objetos doença e família.

Ocorrência 12

JN ++ ((tossiu)) ++ mas o senhor não terminou de me contar do Natal

NL ++ uhum

((inicia um toque de celular))

JN só me contou o que que teve de comi::da

NL ++ Natal só passamos em casa (JN)

JN + quem que tava [lá?]

NL [a M/] MA foi na casa da mãe dela e eu fiquei em casa

JN o senhor não quis ir?

NL ++ ((faz movimento para esquerda e para a direita com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente **f/** acha difícil ficar no meio do povo

JN + mas mesmo se for famí:lia?

NL + mesmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

Num momento em que o objeto doença emerge novamente, ocorre interrupção após o fonema /f/, antecipando a palavra "difícil". Como já comentamos, a dificuldade é uma propriedade frequente no processo discursivo em análise. A emergência de "difícil" após a marca hesitativa

reafirma a irrupção do objeto doença e da posição de sujeito doente no enunciado de NL.

No recorte como um todo, observa-se que o objeto família estava em dominância – como mostra sua reafirmação feita por JN ("+ mas mesmo se for famí:lia?"). Trata-se, pois, de um conflito de objetos, mais bem mostrado, no recorte, pelas pausas (breve e longa) que delimitam o enunciado de NL subsequente ao de JN: "+ mesmo se for família +++". Podemos pensar que o deslizamento em /f/, em combinação com essas duas pausas, mostra um momento bem marcado de tensão entre os objetos doença e família.

Além de escancarar um momento de tensão, esse último enunciado de NL merece atenção especial, devido ao modo como nele se marca o objeto doença. Vamos retomá-lo.

> **NL** + mesmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

A atenção especial a que nos referimos relaciona-se à interrupção "probl/".

Embora, em diferentes momentos do processo discursivo, possamos recuperar indícios das relações estabelecidas entre os protagonistas do discurso e o objeto doença, nesse momento, em particular, uma posição imaginária ocupada por NL, em relação a esse objeto, aparece, a nosso ver, explicitada, talvez pelo fato de esse ser um momento mais explícito de conflito de objetos.

Vemos que, logo após a interrupção "probl/", emerge a palavra "incômodo". Podemos pensar que, nesse conflito parafrástico, diferentes lugares de construção do ob-

jeto doença se mostram. "Incômodo" poderia remeter a um lugar no qual a doença é colocada em distanciamento, como algo que está fora do sujeito e o acomete. Percebemos ainda uma tentativa de atenuar o impacto da doença, que apenas incomodaria. "Problema", por sua vez, pode remeter ao modo como o "outro" configura o objeto doença: "mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/". Outra possibilidade seria a de que "problema" e "incômodo" estejam, para o sujeito, em relação de causa e consequência – a doença faz o doente achar "difícil ficar no meio do povo".

É interessante verificar que NL acaba por reafirmar o modo como a doença de Parkinson é construída no interior da literatura biomédica, já que as características orgânicas da doença, bem como suas possíveis causas e formas de tratamento, são entendidas como estando fora do sujeito.

Podemos perceber essa conjunção de lugares de construção da doença ao comparar o enunciado de NL e afirmações como as de Machado (2000), para quem a doença de Parkinson é ocasionada por uma lesão na substância negra do cérebro e seu tratamento é medicamentoso, e de Limongi (2001), que aponta como possíveis causas da doença fatores ambientais, como a exposição a inseticidas e herbicidas, e fatores genéticos,[8] que tornariam algumas pessoas propensas a desenvolvê-la.

Não é apenas na descrição da doença de Parkinson e nos apontamentos acerca de suas possíveis causas que a literatura biomédica considera apenas fatores externos ao sujeito. A lesão neurológica decorreria de fatores ambientais ou genéticos que independem do envolvimento do

8 Uma vez que o sujeito "herda" os fatores genéticos, eles poderiam ser entendidos como estando no sujeito, mas também, por isso mesmo, poderiam ser considerados como exteriores à subjetividade.

sujeito. O tratamento também independeria do sujeito, já que, conforme aponta essa literatura, está baseado na administração de medicamentos que permitem o aumento da produção de dopamina. Limongi (2001), em seu livro dedicado ao estudo da doença de Parkinson, aponta, além do tratamento medicamentoso, a possibilidade de técnicas cirúrgicas que minimizariam os efeitos dela.

A partir das concepções da literatura biomédica, e considerando que resultados de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos biomédicos são amplamente divulgados, inclusive pela grande imprensa, podemos pensar que a negociação mostrada na interrupção "probl/" evidenciaria um momento de tensão no qual outro discurso, que atravessa e sustenta o processo discursivo em análise, é escancarado, já que

> [...] as diversas formações [imaginárias] resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) [...] que deram nascimento a "tomadas de posição" implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco. (Pêcheux, 1990, p.85)

Podemos supor, então, que o discurso biomédico atravessa e sustenta o discurso de NL, revelando-se através de indícios como as imagens que esse sujeito tem da doença, do interlocutor (lembre-se que JN, no processo discursivo, predominantemente ocupa o lugar de profissional da saúde) e de si próprio (considerando a relação conflituosa relacionada às posições ocupadas por NL). Em outras palavras, com relação a esse jogo de imagens, "a percepção [do referente, do outro e de si mesmo] é sempre atravessada pelo 'já ouvido' e o 'já dito', através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas" (Pêcheux, 1990, p.85-6).

Logo, o conflito que perpassa as diferentes posições ocupadas por NL, sobretudo em relação ao objeto doença, caracterizado, discursivamente, pelo afastamento e pela reafirmação desta, seria atravessado também pelas concepções do discurso biomédico sobre a doença de Parkinson. E não apenas no que se refere a ela. É possível pensar em elementos desse discurso, presentes no processo em análise, já a partir da relação paciente/terapeuta estabelecida entre NL e JN. O imaginário do terapeuta como alguém que tem instrumentos – não apenas do tipo medicamentoso – para propiciar a melhora do doente, fortemente inserido no discurso biomédico, "ecoa" no processo discursivo em análise.

> **NL** hum:: +++ e que que que o quadro nosso (diminui/t/) o que que tá acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

A interrupção "probl/" no enunciado de NL, e tudo que ela mobiliza, escancara, portanto, "um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte desse seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito" (Authier-Revuz, 1990, p.27).

Nas 48 marcas hesitativas de deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente no processo discursivo em foco, observamos vários modos de negociação sujeito–outro(s). Em tais negociações, conforme destacamos nas doze ocorrências analisadas (representativas de todo o conjunto), tensões centralizadas no plano fonético-fonológico da língua mostraram-se vinculadas a tensões em outros planos, em especial o semântico, bem como a tensões no próprio processo discursivo, na medida em que a análise não linear desse processo permitiu-nos detectar

indícios de conflitos relacionados aos jogos de imagens entre seus protagonistas e aos objetos discursivos.

Assim, em síntese, os deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente resultariam da própria "estrutura material da língua, que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso" (Authier-Revuz, 1990, p.27).

Considerações finais: possíveis contribuições para a clínica fonoaudiológica

Ao longo deste livro, caracterizamos um funcionamento hesitativo linguisticamente marcado, em sua estrutura, por aspectos fonético-fonológicos, a partir de suas relações com outros planos da língua, bem como com fatos das condições de produção do discurso em que emergiu.

Por meio do estudo que originou o livro, além das contribuições que buscamos oferecer para o entendimento dos problemas de linguagem em parkinsonianos, tanto para o campo de pesquisa linguístico quanto para o fonoaudiológico, outra contribuição que acreditamos possível, como desdobramento de nossa análise, é propiciar um momento de reflexão para o fazer clínico fonoaudiológico.

As relações dos deslizamentos do dizer com aspectos mais formais da língua nos levaram a questionar procedimentos frequentemente utilizados durante a avaliação fonoaudiológica. Como observamos na Introdução, nos aspectos da linguagem que se mostram alterados em sujeitos com doença de Parkinson, as pesquisas fonoaudiológicas e biomédicas enfatizam a qualidade vocal e as imprecisões articulatórias; a fluência verbal; e, ainda, as disfluências. Deve-se também ressaltar que as pesquisas

que levaram a essa ênfase baseiam suas avaliações e coletas de dados prioritariamente em amostras de produção contínua de vogais; repetição de listas de palavras; nomeação de palavras pertencentes a um mesmo campo semântico ou que iniciam com o mesmo fonema; leitura oral de frases ou de trechos de textos.

A maior parte das publicações a que tivemos acesso não menciona explicitamente as hesitações e estuda-as, assim como os demais aspectos da linguagem, de um ponto de vista exclusivamente orgânico.

Debruçando-nos sobre o modo de avaliação e de coleta de dados priorizado em tais pesquisas, não nos surpreende que a sua explicação para os achados enfatize os déficits em aspectos motores/cognitivos. Tampouco nos surpreende que seja reduzida a menção às hesitações ou que ela não exista, tanto como fenômeno empírico quanto como fenômeno linguístico, nessas pesquisas: abordá-las mais diretamente pressuporia extraí-las de dados mais próximos daqueles que são obtidos em situações reais de uso da linguagem, e não em situações mais artificiais.

Nesse mesmo sentido, o fazer clínico fonoaudiológico que se volta para os problemas de linguagem em parkinsonianos, frequentemente sustentado por tais pesquisas, costuma basear a avaliação da condição de linguagem dessas pessoas em simulações ou pequenos recortes de sua produção linguística falada. Na medida em que esse tipo de coleta de informações, durante o processo avaliativo, baseia-se predominantemente em emissões de sons ou em repetições de palavras, perdem-se, nesse processo, importantes informações sobre como se dão os mais reais e cotidianos eventos de uso da linguagem em sujeitos afetados pela doença de Parkinson. Esse fazer empobrece as possibilidades de análise e acaba por restringir a atuação fonoaudiológica ao trabalho com situações controladas de

produção de fala, que não se reproduzem na prática efetiva da linguagem nos/dos parkinsonianos.

No entanto, como procuramos demonstrar, os deslizamentos se caracterizam como marcas de tensões que se mostram no eixo sintagmático da linguagem. Para perceber tais tensões, é necessário atentar de modo bastante acurado para alguns pontos dos dados de linguagem registrados para avaliação e/ou terapia. Principalmente para uma análise mais precisa dos processos linguístico-discursivos envolvidos nesses pontos de tensão, com o fim de detectar seu funcionamento no discurso, é essencial que o fonoaudiólogo baseie sua interpretação em dados recolhidos em diferentes situações discursivas, já que a regularidade desse funcionamento nem sempre pode ser resgatada em apenas uma situação. Ainda, nesse olhar para as situações de tensão no discurso mostrada pelo tipo de marca hesitativa que detectamos, seria importante:

- buscar, pela escuta atenta e pela análise das gravações, regularidades que sustentem os discursos resultantes da relação entre terapeuta e interlocutor parkinsoniano;
- centrar a atenção não apenas na marca hesitativa, mas nas possíveis relações que o sujeito procura manter com os enunciados que a circundam;
- observar como é construída a linearidade dos enunciados (do sujeito e do interlocutor);
- buscar os diferentes planos da língua envolvidos na tensão evidenciada na marca hesitativa – em nossos dados, como vimos, as marcas fonético-fonológicas apontavam tanto para tensões nesse plano, quanto para tensões nos planos morfológico, sintático e/ou semântico.

Estendendo essas recomendações para dados de linguagem que envolvem outras áreas do conhecimento fo-

noaudiológico, podemos pensar que é preciso olhar não apenas para o chamado erro (ou falta, ou, ainda, característica sobre a qual recai a queixa do paciente), mas para todo o material linguístico que o circunda, postura que acreditamos ter assumido, justamente em razão de nossa vivência na interseção entre os campos da Fonoaudiologia e da Linguística.

Situarmo-nos nessa interseção permitiu-nos detectar, privilegiadamente, no funcionamento hesitativo que analisamos, sua relação com caraterísticas do discurso que sustentava a relação terapeuta–sujeito parkinsoniano. Como ressaltamos, o objeto discursivo doença se mostrou dominante na relação discursiva analisada. Tendo em vista o modo como, predominantemente, a doença é entendida no âmbito social e no científico – por suas características orgânicas e pelo efeito dessas características sobre o sujeito, uma vez que o afetam e, muitas vezes, o incapacitam –, cabe ao terapeuta entender até que ponto ele é atravessado e/ou se deixa atravessar por esse objeto, colocando-se ou sendo colocado na condição "de doente". Entender esse atravessamento é necessário porque possibilitaria ao terapeuta e ao sujeito parkinsoniano melhor avaliação dos impactos que essa condição provoca, desde modificações na vida cotidiana até possíveis sentidos com que o objeto discursivo doença circula, mobiliza ou é mobilizado no espaço terapêutico.

Foi o que procuramos fazer, ao comparar a ocorrência das marcas hesitativas em relação aos objetos discursivos doença e estudo. Como vimos, a emergência no discurso do objeto doença foi marcada pela maior frequência dessas marcas, bem como por um modo predominante de o sujeito se posicionar diante da doença: pelo lugar da dificuldade. Por meio dessa comparação, pudemos verificar que ele acaba por reafirmar o modo como a doença de Parkinson é construída no interior da literatura biomédi-

ca, já que suas características (orgânicas), bem com suas possíveis causas e formas de tratamento, são entendidas como estando fora do sujeito e, portanto, acometendo-o de modo a impossibilitá-lo ou incapacitá-lo.

Os efeitos dessa construção (e propagação social) fazem que o espaço terapêutico seja construído como o lugar em que se trataria a doença, o que naturaliza a emergência do objeto doença como eixo organizador do discurso terapêutico. Em decorrência dessa naturalização, como o profissional fonoaudiólogo muitas vezes encontrará semanalmente o paciente, com frequência será solicitado a acompanhar e esclarecer o funcionamento e o desenvolvimento da doença, bem como o prognóstico para o paciente. Nesse tipo de construção, torna-se fundamental que esse profissional conheça as características da doença de Parkinson descritas pela literatura biomédica, para que possa informá-las ao seu paciente.

Em outro tipo de visão, esse tipo de conhecimento poderia servir também para que, de algum modo, o terapeuta possa conter determinados tipos de efeitos desse lugar – o da doença – ocupado pelo sujeito parkinsoniano. Um modo de ele redirecionar os sentidos preferencial e socialmente mobilizados por esse lugar seria propiciar, mesmo em situação clínica, um lugar para a reflexão acerca desse objeto, reconstruindo-o na situação terapêutica e por meio dela, o que permitiria ao sujeito parkinsoniano deslocar-se do lugar em que se coloca ou é colocado em relação a esse objeto tal como ele é reafirmado socialmente.

Para tanto, além de se ater aos estudos tradicionais, é imprescindível que o terapeuta aprofunde seu olhar sobre o sujeito que tem diante de si e sobre as construções discursivas entre eles estabelecidas, para que possa trabalhar com o que está atravessado pela "ilusão necessária do eu" e pelos "lugares imaginários ocupados nessa relação", dando espaço aos outros lugares discursivos possíveis.

Relembrando a sessão discursiva analisada neste livro, quando nela observamos a emergência do objeto estudo, notamos que a documentadora, discursivamente, foi colocada pelo sujeito parkinsoniano fora de seu lugar de terapeuta e transformada em foco do processo discursivo. Nessas situações, como mostramos, os deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente tendem ao desaparecimento. Ressalta, assim, a importância de o fonoaudiólogo estar atento ao discurso do sujeito quando ele se desloca ou é deslocado do lugar da doença e também quando o foco do dizer não recai sobre ele. Em momentos oportunos, é importante devolver ao paciente/sujeito os efeitos sobre ele desses deslocamentos de lugares, para que possa perceber nele mesmo as mudanças em seu dizer.

E assim como é essencial que no ambiente terapêutico haja espaço para o sujeito debruçar-se sobre o lugar da doença, esse ambiente também deve permitir que aflorem outros objetos discursivos, para que o paciente/sujeito possa assumir outros lugares que o constituem, sem reduzi-los a apêndices do "ser doente". Essa possibilidade de ele se deslocar entre lugares que o constituem pode inclusive – e por que não? – concretizar-se se o terapeuta lançar mão de outros espaços terapêuticos, que podem ser construídos até mesmo por meio de um aproveitamento diferenciado do espaço físico. Pode-se pensar, por exemplo, em um uso de uma cozinha terapêutica, ou mesmo de um jardim, para favorecer mudanças de posições–sujeito ocupadas nas relações terapêuticas.

Numa concepção como essa, poderiam ser objetivos de uma terapia fonoaudiológica com parkinsonianos:

- proporcionar melhora/manutenção dos aspectos formais da língua;
- favorecer um lugar de pensar sobre o lugar discursivo da doença;

- proporcionar diferentes tomadas de posição do sujeito, por meio da criação de situações de afastamento da posição de "sujeito doente".

Para conduzir uma terapia orientada por tais objetivos, é fundamental que o fonoaudiólogo potencialize as muitas faces da linguagem que constituem uma relação terapêutica e não se restrinja à relação paciente/doente afetado por acometimentos de fora do sujeito *versus* terapeuta/detentor do conhecimento.

Embora a doença de Parkinson seja uma condição amplamente descrita como resultante de aspectos orgânicos – e não estão sendo colocados em segundo plano os efeitos desses aspectos sobre e para o sujeito –, ressalte-se que o objeto da Fonoaudiologia é a linguagem e, em decorrência, também toda a subjetividade inerente à produção do discurso.

Considerando a doença como lugar imaginário e deslocando-a, assim, do lugar preferencial com o qual ela é social e cientificamente construída como objeto discursivo, qualquer prática clínica deixa de ser exclusivamente exterior ao sujeito, já que, fruto do olhar com que desenvolvemos o trabalho que deu origem a este livro, ele passa a ocupar o centro dessa prática, como aquele que pode mudar o lugar do qual se vê e, portanto, a posição que ocupa. Essas possibilidades de deslocamento – do que significa a doença e do que significam os diferentes lugares que o paciente/sujeito pode ocupar nessa prática e em outras de sua vida cotidiana – deslocam também a própria posição do terapeuta: não mais a posição do único que detém os instrumentos para possibilitar a melhora do doente, mas daquele que tem a possibilidade de repensar junto com ele suas formações imaginárias sobre a doença e sobre os diferentes lugares que ocupa ou pode ocupar, mesmo com a doença.

Em outras palavras, trata-se, na clínica da linguagem, de perceber "de que outro é preciso se defender, a que outro é preciso recorrer para se constituir" (Authier-Revuz, 1990, p.31).

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, v.19. p.25-42, 1990.

______. *Palavras incertas*: as não coincidências do dizer. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. *Revista Brasileira de Neurologia*, São Paulo, v.25, n.1, p.27-32, 1989.

______ et al. Disfunções neuropsicológicas da doença de Parkinson: estudo de 64 casos. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v.45, n.2, p.109-18, 1987.

BRABO, N. C.; MINETT, T. S. C.; ORTIZ, K. Z. Fluency in Parkinson's disease: disease duration, cognitive status and age. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v.72, n.5, p.349-55, 2014.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

CANTER, G. J. Speech characteristics of patients with Parkinson's disease: I. Intensity, pitch, and duration. *Journal of Speech and Earing Disorders*, v.28, n.3, p.221-9, 1963.

CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.39, n.2, p.51-71, 2000.

CNOACKAERT, L. et al. Low-frequency vocal modulations in vowels produced by Parkinsonian subjects. *Speech Comunication*, v.50, p.288-300, 2008.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso*: discurso e afasia. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DADGAR, H.; KHATOONABADI, A. R.; BAKHTIYARI, J. Verbal fluency in pacients with non-demented Parkinson's disease. *Iranian Journal of Psychiatry*, v.8, n.1, p.55-8, 2013.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E.; BROWN, J. R. Differential diagnostic patterns of dysarthria. *J. Speech Hear Res.*, n.12, p.246-69, 1969.

DIAS, A. E.; LIMONGI, J. C. P. Tratamento dos distúrbios da voz na doença de Parkinson. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, p.61-6, 2003.

DIAS, C. E. B. *Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos.* Relatório Fapesp, Processo 04/02349-1, 2005.

FENTON, E.; SCHLEY, W. S.; NIIMI, S. Vocal symptoms in Parkinson disease treated with Levedopa: a case report. *An. otol.*, New York, v.1, p.119-21, 1982.

FERREIRA, F. V.; CIELO, C. A.; TREVISAN, M. E. Medidas vocais acústicas na doença de Parkinson: estudo de casos. *Revista Cefac*, São Paulo, v.12, n.5, p.889-98, 2009.

FIELS, J. A. et al. Cognitive outcome following staged bilateral pallidal stimulation for the treatment of Parkinson's disease. *Clinical Neurology and Neurosurgery*, v.101, p.182-8, 1999.

FLOWERS, K. A.; ROBERTSON, C.; SHERIDAN, M. R. Some characteristics of word fluency in Parkinson's disease. *Journal of Neulinguistics*, v.9, n.1, p.33-46, 1995.

GASPARINI, G.; DIAFÉRIA, G.; BEHLAU, M. Queixa vocal e análise perceptivo-auditiva de pacientes com doença de Parkinson. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, Salvador, v.2, n.1, p.72-6, jan./jun. 2003.

GOBERMAN, A. M.; BLOMGREN, M.; METZGER, E. Characteristics os speech disfluency in Parkinson disease. *Journal of Neurolinguistics*, v.23, p.470-8, 2010.

GOLDMAN-EISLER, F. Speech production and predictability of words in context. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v.10, p.96-106, 1958.

GURD, J. M. Verbal fluency deficits in Parkinson's disease: individual differences in underlying cognitive mechanisms. *Journal of Neurolinguistics*, v.13, p.47-55, 2000.

HAYASHI, R. et al. Relationship between cognitive impairments, event-related potentials, and motor disability scores in patients with Parkinson's disease: 2-year follow-up study. *Journal of the Neurological Sciences*, v.141, p.45-8, 1996.

______; HANYU, N.; TAMARU, F. Cognitive impairment in Parkinson's disease: a 6 year follow-up study. *Parkinsonism and Related Disorders*, v.4, p.81-5, 1998.

HENRY, J. D.; CRAWFORD, J. R. Verbal fluency deficits in Parkinson's disease: a meta-analysis. *Journal of the International Neuropsychological Society*, v.10, p.608-22, 2004.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais.* 5.ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. In: COELHO, M.; LEMLE, M.; LEITE, Y. *Novas perspectivas linguísticas*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p.43-54.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LIMA, S. S. P. et al. Linguagem e isolamento social no mal de Parkinson. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, ano 1, n.2, p.5-12, dez. 1997.

LIMONGI, J. C. P. Principais sintomas, causas e formas clínicas. In: _____ (Org.). *Conhecendo melhor a doença de Parkinson*: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia a dia. São Paulo: Plexus, 2001.

LOGEMAN, J. A. et al. Frequency and cooccurrence of vocal tract dysfunction in the speech of a large sample of Parkinsonian patients. *J. Speech Hear Dis.*, n.43, p.47-57, 1970.

MACHADO, A. B. M. *Neuroanatomia funcional*. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1998.

______. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado*: novos estudos. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1999. p.159-94.

______. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. A. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*: construção do texto falado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. v.I, p.47-70.

MURDOCH, B. E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem*: uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

NASCIMENTO, J. C. *Fenômeno hesitativo na linguagem*: um olhar para a doença de Parkinson. São José do Rio Preto, 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

______. Hesitação: um indício de autoria na conversação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 56., 2008. *Programação...* São José do Rio Preto: GEL, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/?resumo=4190-08>. Acesso em: 12 jan. 2009.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology.* Dordrechet: Foris Publications, 1986.

OLIVEIRA, E. C. *Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos.* São José do Rio Preto, 2003. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

PARKINSON, J. *An essay on the shaking palsy*. London: Whittingham and Rowland, 1817.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

______; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

PINTO, S. et al. Treatments for dysarthria in Parkinson's disease. *Neurology.* v.3, p.547-56, 2004.

PRETTI, D.; URBANO, H. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*: materiais para seu estudo. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/Fapesp, 1998.

RAMIG, L. O.; FOX, C.; SAPIR, S. Parkinson's disease: speech and voice disorders and their treatment with the Lee Silverman Voice Treatment. In: *Seminars Speech and Language*, v.25, n.2, p.169-80, 2004.

SAMII, A.; NUTT, J. G.; RANSOM, B. R. Parkinson's disease. *The Lancet*, v.363, p.1.783-93, 2004.

SAUSSURE, F. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: ______. *Curso de Linguística Geral*. 7.ed. São Paulo, 1979.

SOUZA, R. L.; CARDOSO, M. C. de A. F. Perfil da fluência verbal em indivíduos com a doença de Parkinson. *RBCH*, Passo Fundo, v.11, n.1, p.21-32, jan./abr. 2014.

SPENCER, K. A.; ROGERS, M. A. Speech motor programming in hypokinetic and ataxic dysarthria. *Brain and Language*, 94, p.347-66, 2005.

STREIFLER, M.; HOFMAN, S. Disorders of verbal expression in Parkinsonism. *Advances in Neurology*, New York, v.40, p.385-93, 1984.

TEIXEIRA, E. G.; NASCIMENTO I. T.; CARDOSO, F. Análise das disfluências produzidas por indivíduo com doença de Parkinson. *ReVEL*, v.8, n.15, 2010.

TFOUNI, L. V. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. 1.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.77-96.

______. Mensagem e poesia: a atualidade de Saussure e Jakobson ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Orgs.). *Discurso e texto*: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação. São Carlos: EdUfscar, 2008. p.71-80.

WITT, M. *Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos.* Relatório Fapesp, Processo 02/09715-8, 2003.

ZANIBONI, L. F. *Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson.* São José do Rio Preto, 2002. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Sobre os autores

Lourenço Chacon. Cursou graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (1979). Fez mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1985), doutorado em Linguística pela mesma universidade (1996), pós-doutorado em Linguística pela University of Florida (1999) e pela Universidade de Lisboa (2013). Atualmente, é professor efetivo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Tem experiência na área de Linguística, investigando hesitações na aquisição da linguagem, em seu modo de enunciação falado, e questões de ortografia e segmentação na aquisição da linguagem, em seu modo de enunciação escrito.

Roberta Rodrigues Vieira. Cursou graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2004) e fez mestrado em Estudos Linguísticos pela mesma universidade (2009). Atualmente, trabalha como fonoaudióloga clínica, voltando suas reflexões e sua prática para a clínica da Linguagem. Atua também no Centro Municipal

de Atendimento Educacional Especializado, da Secretaria Municipal da Educação do município de Marília, SP, realizando atendimentos interdisciplinares com outros setores da Saúde e da Educação e investindo na formação de professores, nos conhecimentos em linguagem falada e escrita.

SOBRE O LIVRO

Formato: 12 x 21 cm
Mancha: 20,4 x 42,5 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral
Maria Luiza Favret